

PRÊMIO NOVA
1989 · 90 · 92 · 93

RESULTADOS DO PRÊMIO NOVA 93

METALON

FICÇÃO CIENTÍFICA & HORROR

ANO VI

N. 31

JUN/JUL 94

EDIÇÃO

ROBERTO CAUSO

- FICÇÃO
- ENSAIO
- ARTE
- ENTREVISTA





MEGALON

Ano VI Número 31 Junho/Julho de 1994

EDITOR

Marcello Simão Branco

Fundadores

Renato Rosatti

Marcello Simão Branco

Colaboradores

Gerson Lodi-Ribeiro

Roberto de Sousa Causo

Prêmio Nova 1989, 1990, 1992 e 1993

MEGALON é uma publicação independente e não-profissional, com o objetivo de divulgar e desenvolver a ficção científica do Brasil. Aceita-se colaborações que ficam sob análise do editor. Os trabalhos, publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem juz a remunerações. Os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores e as opiniões por eles expressas não refletem, necessariamente, a do editor.

ENDERECO: MEGALON

Av. Clara Mantelli, 110
04771-180 São Paulo, SP
BRASIL

ASSINATURA: R\$ 7,00 por duas edições.

Edição terminada em 30 de julho de 1994

FICÇÃO CIENTÍFICA

&

HORROR

EDITORIAL

SOBRE O CONQUISTAR, RECONHECER E LEMBRAR...

A CONQUISTA do quarto Prêmio Nova por este fanzine, não é mais um prêmio deste tipo que o MEGALON recebe. Ele se distingue dos outros, por entre outras coisas, por ser o primeiro do zine sob só um editor. Distinguesse, principalmente, pelo lugar que esta publicação vem conquistando no cenário da ficção científica brasileira. E esta conquista é de todos que apostam neste trabalho, criticam, colaboram. O prêmio é de todos vocês.

O RECONHECIMENTO a um talento, a um grande batalhador de nossa FC, é a marca desta edição. Pela primeira vez em cinco anos e meio, o MEGALON dedica um número a uma personalidade de nossa FC. E não com um caráter de homenagem (embora se o fosse também seria muito justo), mas como de um sincero reconhecimento ao enobre talento, disposição e luta de ROBERTO DE SOUSA CAUSO. Ecletico, dinâmico, humilde, polêmico, incompreendido, precipitado... Defina como achar melhor, mas que ele é uma pessoa chave para o desenvolvimento do nosso fandom, isto é fora de questão. Temos, assim, várias facetas da produção e criação dele nesta edição: sua tradicional coluna de notícias, uma entrevista muito reveladora e quente, muito quente; sua nova vertente criativa na ficção em um belo conto; um ensaio que propõe uma nova abordagem do mesmo tema que ele explora em sua ficção. Leia, divirta-se, concorde, discorde. Mas garanto que você não ficará indiferente. É o mínimo que devamos reconhecer nesta figura central de nosso fandom.

A LEMBRANÇA é para todos os loucos sonhadores. Aqueles que ousam, que imaginam, que não crêem no impossível. Fãs de FC? Sim, mas não é especificamente a eles que me refiro. E sim, a todos os loucos e competentes sonhadores responsáveis pela descida do homem na Lua, há 25 anos atrás. Que esta lembrança esteja sempre em nossa mente. É uma prova viva da capacidade de superação e imaginação do homem.

— O EDITOR

ÍNDICE

FICÇÃO

= Série		
* Neblina e a Ninja (III)	Miguel Carqueija	34
= Conto		
* A Mulher	Roberto de Sousa Causo	20

ARTIGOS

* Prêmio Nova 1993	Marcello Simão Branco	10
* Algumas Respostas à Ivo Luiz Heinz	Roberto de Sousa Causo	27
	Cesar R.T. Silva	28
* Sexo e Condição Feminina na Ficção Científica Brasileira	Roberto de Sousa Causo	30

SEÇÕES

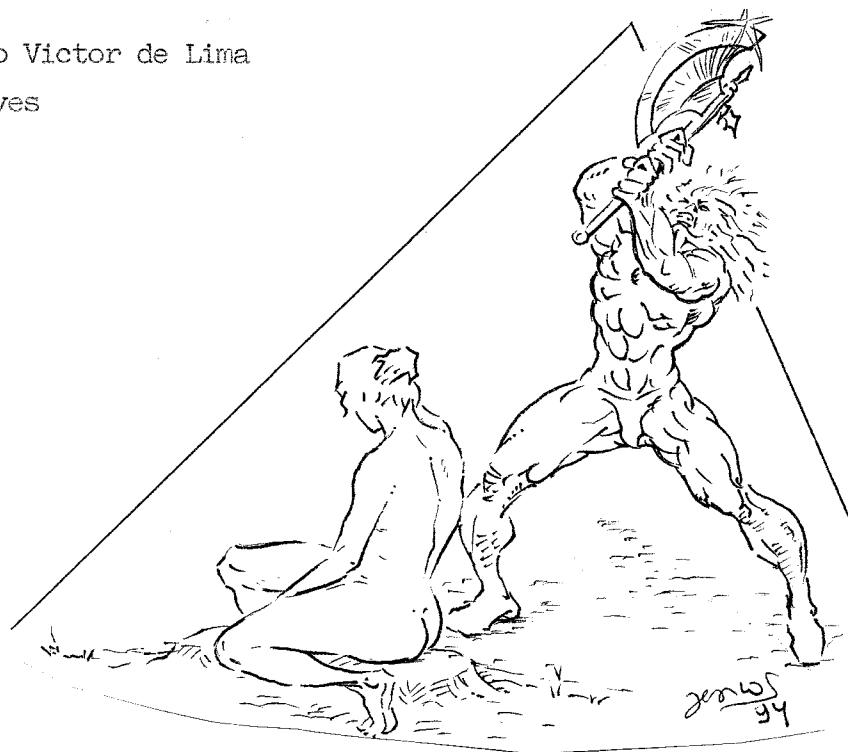
* Editorial - Sobre o Conquistar, Reconhecer e Lembrar...		2
* Diário do Fandom		
= Nacional	Roberto de Sousa Causo	4
= Internacional	Marcello Simão Branco	5
* Publicações Recebidas		8
* Entrevista		
= Roberto de Sousa Causo	Marcello Simão Branco	15
* Paralelas & Alternativas		
= Peste Negra Alternativa	Gerson Lodi-Ribeiro	36

ANÚNCIOS

* II Star Cup		7
* L. Ron Hubbard's Writers and Illustrators of the Future Contest		39

ILUSTRAÇÕES

* Roberto de Sousa Causo capa e contra-capa baseadas em "A Mulher"		
* Elói		15
* Sergioval Bruno Victor de Lima		19
* José Carlos Neves		3, 13, 33
* Roberto Schima		9



DIÁRIO DO FANDOM

NACIONAL

GENTE

* Após a desistência de JOSÉ CARLOS NEVES, foi convidado, e aceitou ser o representante brasileiro na 52ª Convenção Mundial de FC, o escritor DANIEL FRESNOT. O evento será realizado em Winnipeg, Canadá, de 1 a 5 de setembro. A decisão foi tomada na reunião do CLFC em 28 de maio. Fresnot é autor do romance de FC pós-apocalipse A Terceira Expedição (Marco Zero, 1987). Fresnot formou-se na Sorbone e deu aulas de literatura brasileira na Universidade de Frankfurt. Fluente em inglês e francês, deverá se comunicar bem entre os anfitriões do evento. Os fãs brasileiros são convidados a enviar-lhe, através do Comitê do Fundo do Fã Brasileiro, informações sobre suas atividades e sobre a FC no Brasil. Também são solicitadas doações para o fundo, que cobrirá parte das despesas de Fresnot. As doações podem ser em dinheiro, ou em livros e outros itens de interesse do fandom, para um leilão que deverá realizar-se no segundo semestre. O Fundo do Fã Brasileiro tem, neste ano, a seguinte formação: Presidente: Gumerindo Rocha Dórea; Secretário: Roberto de Sousa Causo; Tesoureiro: Marcello Simão Branco. O endereço do fundo: Rua André Dreifus, 109/163 - bl. 2, São Paulo, SP 01252-901.

* O multi-vencedor do Prêmio Hugo, DAVID BRIN, já enviou suas doações ao leilão. São os livros Startide Rising (edição de 10º aniversário, com revisões), The Practice Effect, The Postman e Dr. Pak's Preschool, todos autografados. Brin viu a solicitação feita na revista americana Locus pedindo contribuições, e enviou a sua. Também soube que sua novela "O Carteiro" ganhou o Prêmio Nova 1992 para Melhor Ficção Curta Estrangeira: "Estou muito honrado em ler estas notícias. Por favor passe os meus agradecimentos aos votantes", assinalou o autor americano.

* HENRIQUE FLORY teve seu quinto livro publicado em maio deste ano. Atravessando o Atlântico - Na Rota de Colombo, é um relato de viagem feita por Flory em 1991, partindo das Ilhas Canárias até as Bahamas. A viagem inspirou também a produção da novela Cristoforos (FC GRD 12), ganhadora do Prêmio Nova de Melhor Livro de Autor Nacional. Este seu novo livro faz parte da série Diário de Bordo/Travessias, uma coleção de relatos de viagens e aventuras.

* BRÁULIO TAVARES esteve no programa Jô Soares Onze e Meia do dia 26 de maio, uma quinta-feira. O principal enfoque da divertida entrevista foi o último livro do autor, Como Enlouquecer os Homens - As Mulheres Contra-Atacam (Editora 34), mas Bráulio con-

seguiu falar um pouco de FC no final. Infelizmente ele foi atrapalhado pelo músico Bira, do Quinteto Onze Meia, que teve um de seus famosos acessos de riso justamente quando o Jô perguntava sobre FC. Bráulio passou-lhe um exemplar de sua coletânea A Espinha Dorsal da Memória (Caminho 97), e do catálogo de FC e literatura fantástica da Biblioteca Nacional. Bráulio terá o seu conto "Legiões de Babel", originalmente publicado na revista portuguesa Vórtice, no número 61 do Somnium, em sua nova fase. Não acabou! Bráulio publicou o conto "Pecado Virtual", no caderno "Mais!", do jornal Folha de S. Paulo do dia 8 de maio. E ele também vendeu dois contos para dois semi-prozines norte-americanos. Mas a melhor de todas as notícias está aqui nas suas próprias palavras: "O livro pela editora Rocco deve sair no segundo semestre, talvez em setembro. O título é A Máquina Voadora (História do Sapateiro no Gamboa, e de sua maravilhosa máquina de voar), e é ambientado no mesmo universo da "História de Maldum, o Mensageiro", publicado na A Espinha Dorsal da Memória".

* ROBERTO DE SOUSA CAUSO, que teve em abril seu conto "O Bêbado-de-Pancada" (primeiro visto no MEGALON 23) publicado na revista Playboy com o título de "A Moça que Veio Depois do Último Round", teve agora sua história "Duelo Neural" publicada no semi-prozine francês Antarès 45, do primeiro trimestre de 94, como "Duel Neuronique". Ele teve também sua entrevista com Orson Scott Card (primeiro publicada no MEGALON 22) publicada nos números 41-42 de Antarès.

* O co-editor do Somnium, Luís MARCOS DA FONSECA, viajou recentemente em férias para a Europa, e pretende visitar fãs e autores de Portugal, Espanha e França. Sua presença no Velho Mundo deve estreitar as relações do nosso fandom com esses países, cuja identidade nos é próxima.

PUBLICAÇÕES

* O próximo livro a sair pela coleção Ficção Científica GRD deverá ser o clássico de Theodore Sturgeon, Violentação Cósmica (The Cosmic Rape). O seguinte na fila é o nacional Dinossauria Tropicália, antologia de contos de dinossauro com histórias de DANIEL FRESNOT, FINISIA FIDELI, GERSON LODI-RIBEIRO, RICARDO TEIXEIRA, MIGUEL CARQUEIJA, JORGE LUIZ CALIFE, LEONARDO NAHOUM, CESAR R.T. SILVA e ROBERTO DE SOUSA CAUSO.

* A editora Nova Alexandria lançou em princípio de junho uma nova tradução, feita por DANIEL PIZA, do clássico de H.G. Wells, A Máquina do Tempo. A nova edição recebeu resenha positiva do escritor JORGE LUIZ CALIFE, no Jornal do Brasil. O livro tem prefácio da Profa. de inglês da USP, MARIA ELISA CERVASCO.

* A novela Piritas Siderais, do paulistano GUILHERME KUJAWSKI RAMOS, mesmo antes de ser lançada pela Francisco Alves já recebeu a atenção da mídia impressa, com uma reportagem de capa do "Idéias & Livros" do Jornal do Brasil, em sua edição de 2 de julho, sob o título de "A Ficção Cyberbarroca". Conhecemos Guilherme em uma reunião da SBAF, e esperamos que ele em breve se apresente ao fandom. O surgimento do seu livro reacende a discussão de uma possível FC cyberpunk brasileira, ou tupinipunk.

* Estão nas bancas de São Paulo as antologias juvenís Sete Faces do Destino e Sete Faces do Sobrenatural. Trata-se da mesma série editada por MARCIA KUPSTAS que publicou Sete Faces da Ficção Científica e Sete Faces da Ficção Espacial, que também reapareceram agora nas bancas, pela Editora Moderna. Os livros estão em sua 4ª edição.

* A Record lançou Divergência, de Charles Sheffield, sequência de Maré de Verão. E também, em julho, A Odisséia de Worthing (The Worthing Saga), um dos primeiros livros de Orson Scott Card.

* A mesma editora acaba de lançar mais um Asimov, depois que o seu Crônicas da Fundação ganhou o Nova 93. Trata-se de Visões de Robô, que reúne todas as histórias de robô do grande mestre Asimov, mais artigos e ensaios sobre o tema.

* O fanzine Hiperespaço lançou uma edição especial, o Manual Hiperespaço para Ler Ficção Científica, uma interessante indicação de leitura com dezenas de sugestões para quem deseja ter uma visão abrangente do gênero. Uma ótima iniciativa do editor CESAR R.T. SILVA.

EM CIMA DA HORA

* O fã e crítico SERGIO MARTORELLI vendeu um conto de fc-erótica para uma das próximas edições da revista masculina Ele & Ela. (MSB)

* O programa de entrevistas Flash, em suas edições especiais pela Copa do Mundo recém encerrada nos Estados Unidos, trouxe uma extensa e inédita entrevista com o fã, editor, colecionador, Mr. Science Fiction FORREST J. ACKERMAN. A reportagem foi na residência de ACKERMAN que mostrou sua inacreditável coleção de livros e souvenirs de FC, fantasia e horror. Alguém gravou? (MSB)

"Nacional", por ROBERTO DE SOUSA CAUSO

PRÊMIOS

* Vencedores do NEBULA 1993:

= Melhor Romance: Red Mars, Kim Stanley Robinson (Bantam Spectra)

= Melhor Novela: "The Night We Buried Road Dog", Jack Cady (F&SF 1/93)

= Melhor Noveleta: "Georgia on My Mind", Charles Sheffield (Analog 1/93)

= Melhor Conto: "Graves", Joe Haldeman (F&SF 11/92)

* Prêmio Philip K. Dick 1993:

= Growing Up Weightless, John M. Ford (Bantam Spectra) e Elvissey, Jack Womack (Tor) - empatados.

Este prêmio é entregue pela Philadelphia SF Society, Northwest SF Society e Norwescon, para o melhor livro de 1992 publicado em paper back.

* Prêmio Compton Crook Award 1993:

= The Drylands, Mary Rosenblum (Del Rey). Para o melhor romance de estréia de FC, fantasia e horror de 1993.

* Prêmio da British SF Society 1993:

= Melhor Romance: Aztec Century, Christopher Evans (Gollancz)

= Melhor Ficção Curta: "The Ragthorn", Robert Holdstock & Garry Kilworth (Interzone)

= Melhor Trabalho de Arte: Jim Burns (capa de Red Dust). O décimo prêmio BSFA de Burns.

= Especial: The Science Fiction Encyclopedia, John Clute & Peter Nicholls, eds.

= 1º Prêmio Asimov: "Dedication", Eric Choi. Para o melhor trabalho não publicado. Concurso promovido pela Asimov's SF, que publicará a história em uma de suas próximas edições.

* Prêmio Arthur C. Clarke 1993:

= Vurt, Jeff Noon.

Para o melhor romance publicado na Grã-Bretanha em 1993.

* Prêmio Dell 1994 (para as melhores histórias publicadas nas revistas Analog e Asimov's em 1993, em voto dos leitores):

Asimov's Science Fiction

= Novela: "Dancing on Air", Nancy Kress (7/93)

= Noveleta: "Inn", Connie Willis (12/93)

= Conto: "Martin on a Wednesday", Nancy Kress (3/93)

= Poema: "Curse of the Shapeshifter's Wife", Bruce Boston (11/93)

= Melhor Artista de Capa: Wojtek Siudmak

= Melhor Artista de Interior: Steve Cavallo

- = Novela/Noveleta: "Into the Miranda Rift", G. David Nordley (7/93)
- = Conto: "White Room", Stephen L. Burns (5/93)
- = Artigo Científico: "Single Stage to Infinity!", Dr. Arlan Andrews, Sr. (6/93)
- = Capa: H John Maggard, por "The Carhart Shale" (10/93)

* Indicados para o Prêmio HUGO 1994:

- = Melhor Romance:
 - § Moving Mars, Greg Bear ; Glory Season, David Brin; Virtual Light, William Gibson ; ?
 - Beggars in Spain, Nancy Kress; Green Mars, Kim Stanley Robinson.

- = Melhor Novela:
 - § "The Night We Buried Road Dog", Jack Cady; Mefisto in Onyx, Harlan Ellison; "An American Childhood", Pat Murphy; "Into the Miranda Rift", G. David Nordley; "Down in the Bottomlands", Harry Turtledove; Wall, Stone, Craft, Walter Jon Williams.

- = Melhor Noveleta:
 - § "The Shadow Knows", Terry Bisson; "The Franchise", John Kessel; "Dancing on Air", Nancy Kress; "Georgia on My Mind", Charles Sheffield; "Deep Eddy", Bruce Sterling.

- = Melhor Conto:
 - § "England Underway", Terry Bisson; "The Good Pup", Bridget McKenna; "Mwalimu in the Squared Circle", Mike Resnick; "The Story so Far", Martha Soukup; "Death on the Nile", Connie Willis.

- = Melhor Livro de Não-Ficção:
 - § Once Around the Bloch: An Unauthorized Autobiography, Robert Bloch; The Encyclopedia of Science Fiction, John Clute & Peter Nicholls, eds.; PITFCS: Proceedings of the Institute for Twenty-First Century Studies, Theodore R. Cogswell, ed.; Understanding Comics: The Invisible Art, Scott McCloud; The Art of Michael Whelan: Scenes/Visions, Michael Whelan

- = Melhor Editor Profissional:
 - § Ellen Datlow, Gardner Dozois, Mike Resnick, Kristine Kathryn Rusch e Stanley Schmidt.

- = Melhor Artista Profissional:
 - § Thomas Canty, David Cherry, Bob Eggleton, Don Maitz e Michael Whelan.

- = Melhor Trabalho de Arte Original:
 - § Thomas Canty, capa de "The Little Things", Stephen Hickman por Space Fantasy Commemorative Stamp Booklet e Keith Parkinson, capa de "Cold Iron".

- = Melhor Semi-Prozine:
 - § Interzone, Locus, New York Review of SF, Pulchouse, Science Fiction Chronicle e Tomorrow: Speculative Fiction.

- = Melhor Fantasia:
 - § Ansible, File 770, Lan's Lantern, Mimosa e Stet.

- = Melhor Autor Fã:
 - § Sharon Farber, Mike Glycer, Andy Hooper, Dave Langford e Evelyn C. Leeper.

- = Melhor Artista Fã:
 - § Brad W. Foster, Teddy Harvia, Linda Michaels, Peggy Ranson, William Rostler, Stu Shiffman.

- = Melhor Apresentação Dramática:
 - § Addams Family Values, Babylon 5: The Gathering, Groundhog Day, Jurassic Park e The Nightmare Before Christmas.

- = John Campbell (para a revelação do ano entre os novos escritores):
 - § Holly Lisle, Jack Nimmersheim, Carrie Richerson, Amy Thomson e Elisabeth Willey.

Neste ano, as três categorias mais votadas foram: 1ª Romance, 2ª Conto e 3ª Noveleta. Pela primeira vez em anos, Apresentação Dramática não está entre as mais votadas. O romance Hard Landing, de Algis Budrys (talvez o melhor trabalho de sua longa carreira), recebeu votos suficientes para concorrer à Melhor Romance, mas foi inelegível, por ter sido publicada originalmente em 1992. Os vencedores serão votados pelos participantes da 52ª WorldCon, em Winnipeg, Canadá, de 1 a 5 de setembro deste ano.

OBITUÁRIO:

- * RAYMOND F. JONES. Faleceu em janeiro, aos 70 anos, de câncer no pâncreas. Autor sem grande expressão, mas que foi popular nos anos 40 e 50, publicando space-operas em Astounding SF. Em língua portuguesa, temos dois livros publicados: Projetado no Tempo (Panorama 4) e Os Syns (Bruguera 17, veja a capa abaixo).





II STAR CUP

Atenção! Vem aí a **II STAR CUP**, os Engenheiros e Projetistas Espaciais, associados ou não, da **FROTA ESTELAR BRASILEIRA** devem iniciar seus projetos pois já estão abertas as inscrições para a Edição 94. Para participar, você deve criar uma nave espacial numa das 3 categorias abaixo, incluindo desenhos, dados técnicos e histórico conforme as regras.

INSCRIÇÕES:

Até 1º/outubro/1994 estaremos aceitando as inscrições de novos projetos para escolha das mais belas e poderosas naves. Os interessados podem concorrer com quantas naves quiserem. Basta remeterem cada projeto (desenho, especificações técnicas, histórico e seus dados pessoais) em envelopes individuais.

NOVIDADES:

Na Edição 94 haverá premiação para 3 Categorias Distintas:

- .UNIVERSO STAR TREK: Projetos nos padrões do universo Trekker (Série Clássica, Animação, Filmes, Nova Geração e Deep Space 9);
- .UNIVERSO REAL: Projetos que se adequem dentro das limitações de tecnologias atuais e/ou futuras, cientificamente viáveis. Exemplo: 2001/2010
- .UNIVERSO LIVRE: Projetos livres; sem quaisquer padrões ou limitações; podendo imaginar e criar novas tecnologias ou basear-se em diversos universos como Star Wars, Galáctica, ...

PROJETOS:

Os projetos deverão ser feitos à tinta preta ou azul (desenhos à lápis serão desclassificados) e em folhas tamanho A3 ou A4; constando, no mínimo, de:

- .Desenhos: Vistas (OBRIGATORIAS: superior, lateral e anterior; OPCIONAIS: posterior e inferior); Cortes e Perspectivas (opcionais).
 - .Especificações: Casco (Comprimento, Altura, Largura, Peso, Capacidade de Carga, Capacidade de Desembarque/Pouso,...); Máquinas (tipo de Motores, Reatores, Velocidade, Autonomia, Combustíveis, ...); Tripulação (Tripulantes, Soldados, Passageiros, Formas de Vida, Criogenia, Gravidade Artificial, Alimentação, Ambiente,...); Equipamentos (tipo de Computador; Veículos de apoio: carga, caças, etc; Sensores; Teletransportes,...); Armamentos, Escudos, Sistemas de Camuflagem.
 - .Histórico: Como, quando, onde, porque e por quem sua nave foi construída; Descrição das tecnologias (obrigatório no Universo Real); Uma missão da qual tenha participado.
 - .Dados Pessoais do(s) Projetista(s): nome, idade, profissão, endereço e telefone
- A inclusão de desenhos e dados adicionais é permitida e contará pontos à favor. Nenhuma informação será checada com dados "reais", mas o BOM SENSO deve ser levado em consideração. Os trabalhos remetidos não serão devolvidos, podendo ser utilizados pela **FROTA ESTELAR BRASILEIRA** à qualquer momento em suas publicações, indicando os devidos créditos. O envio de um projeto para o concurso indica que o participante concorda com as regras.

PREMIAÇÃO:

Os vencedores de cada grupo receberão o Troféu **STAR CUP** entre muitos outros prêmios.

RESULTADOS:

O anúncio do resultado e a premiação dos vencedores ocorrerá na próxima Convenção da **FROTA ESTELAR BRASILEIRA** à partir de dezembro/1994. Os vencedores serão notificados com antecedência.

BOA SORTE!!!

Portanto Capitães, preparem suas naves, levantem âncoras e mandem seus projetos para:



FROTA ESTELAR BRASILEIRA
II STAR CUP

Caixa Postal 14.592 CEP 05.698-970 São Paulo-SP



TEN. COM. LUIZ ROBERTO M. MUNDEL
ALEX HOSOKAWA GRIMAN
STARFLEET

IVO L. HEINZ
PAOLO F. PUGNO
WARP 9

PUBLICAÇÕES

RECEBIDAS

EDIÇÕES DO AUTOR

* CATÁLOGO DE FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA EM LÍNGUA PORTUGUESA - 1921-1993: Fascículo 1 - Autores/Títulos em Português. Organização e edição de R.C. Nascimento, co-edição de Álvaro de Souza Holstein Ferreira (de Portugal) e Apoio Cultural da Editora Madras, Livraria Themus Livros. Este é o segundo volume da Coleção "Quem é Quem na Ficção Científica" (o primeiro, publicado em 1985, é sobre a Coleção Argonauta). Tiragem de 500 exemplares, capa e ilustrações internas de Roberto Schima, 100 páginas. É uma publicação amparada pela Qanat- Fantasia & Ficção Científica. Iniciativa inédita e importante, contém obras classificadas por autor e título em português. Será seguido de mais 5 fascículos e mais dois apêndices. Indispensável para fãs, colecionadores e pesquisadores da FC&F brasileira. É vendida na Themus Livros: Av. São João, 526, S.Paulo, SP 01036-000, Tels. (011) 223-2585 e 221 9831 ou no endereço: Caixa Postal 2209 S.Paulo, SP 01060-970.

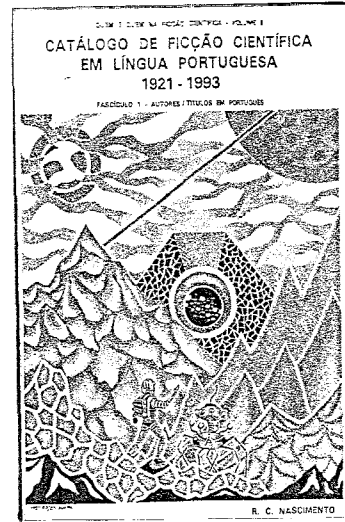
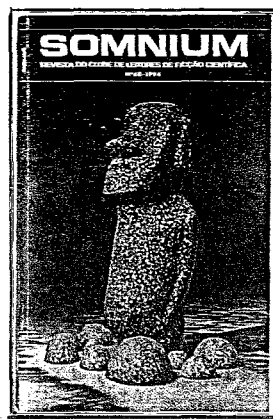
* POEMICS - 12 x 9 + n. Álvaro de Sá. Uma mistura de quadrinhos abstratos, colagens, poemas, reportagens sobre arte e quadrinhos, do autor e de mais alguns colaboradores. Publicado em novembro de 1991. Não contém endereço.

INTERNACIONAL

* L.Ron Hubbard's - Writers of the Future Contest. Livro comemorativo de dez anos de atividade da entidade. Em capa dura, papel luxuoso, colorido, 28 páginas, primeiro semestre de 1994. Traz a história da entidade, seus concursos, sua importância, as revelações, biografia de L. Ron Hubbard, etc. Publicação belíssima: Writers of the Future Contest: P.O. Box 1630, Los Angeles, CA 90078.

FANZINES

* CONFEDERAÇÃO NIETS. Wendell Stein, editor. Número 4, fevereiro/março 94, 14 páginas. Edição temática sobre Guerra nas Estrelas. Participações de Calife, Causo, Carqueija, Neves: gente de ponta da FC nacional. Um zine que quando parecia ganhar qualidade e identidade, anuncia (em carta posterior a mim enviada), sua extinção. Pena. Rua José Maria Barroca, 5 13170-330 Sumaré, SP.



* DIÁRIO DE BORDO.

Silvio Alexandre, editor. Uma publicação da Frota Estelar Brasileira, Ano III, nº 16, abril 94, 20 páginas. Capa colorida, tiragem de 500 exemplares, vendido em bancas e pagando três exemplares a cada colaborador, é mais que um zine: talvez o primeiro semi-prozine do Brasil. Artigos sobre Star Trek, ciência e tecnologia, ficção de Eduardo Piochi. Caixa Postal 14592, São Paulo, SP 03698-970.

* HIPERESPACO. Cesar R.T. Silva & José Carlos Neves, editores. Ano VII, nº 25, maio 94, 16 páginas. Mais um zine com edição temática de Guerra nas Estrelas. Traz os vencedores do concurso de contos ultra-curtos e uma belíssima HQ de FC do casal Henry e Maria Jaepelt. Caixa Postal 375 Santo André, SP 09001-970.

* INFORMATIVO PERRY RHODAN. Alexandre Pereira dos Santos, editor. Nº 14, maio/junho 94, 12 páginas. Uma edição voltada totalmente a resenhas de capítulos da série, assinados por Alexandre (parte 1) e Jocélio Tadeu H. Maciel (parte 2). Rhodaniano ou não, vale a pena conhecer: Rua André Marques, 209-09 Santa Maria, RS 97010-041.

* INFORMATIVO DE QUADRINHOS INDEPENDENTES. Edgard Guimarães, editor. Nºs 8 (mai-jun), 9 (jul-ag) de 94, 16 e 10 páginas respectivamente. Notícias e resenhas de zines ligados aos quadrinhos. Praça Monsenhor Noronha, 21, Brasópolis, MG 37530-000.

* JUVENATRIX. Renato Rosatti, editor. Ano IV, nº 10, abril 94, 20 págs. Notícias, artigos, contos, ilustrações de, entre outros, Rosatti, Alysson, Branco, Carqueija, Holl (Alemanha), Mecklem (USA). Zine diversificado e caprichado visualmente. Destaque para "Perry Rhodan: Diversão Popular?", de Allyson. Assine, colabore. Um zine com dois Tapirai 94 (editor e conto): Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 São Paulo, SP 04773-070.

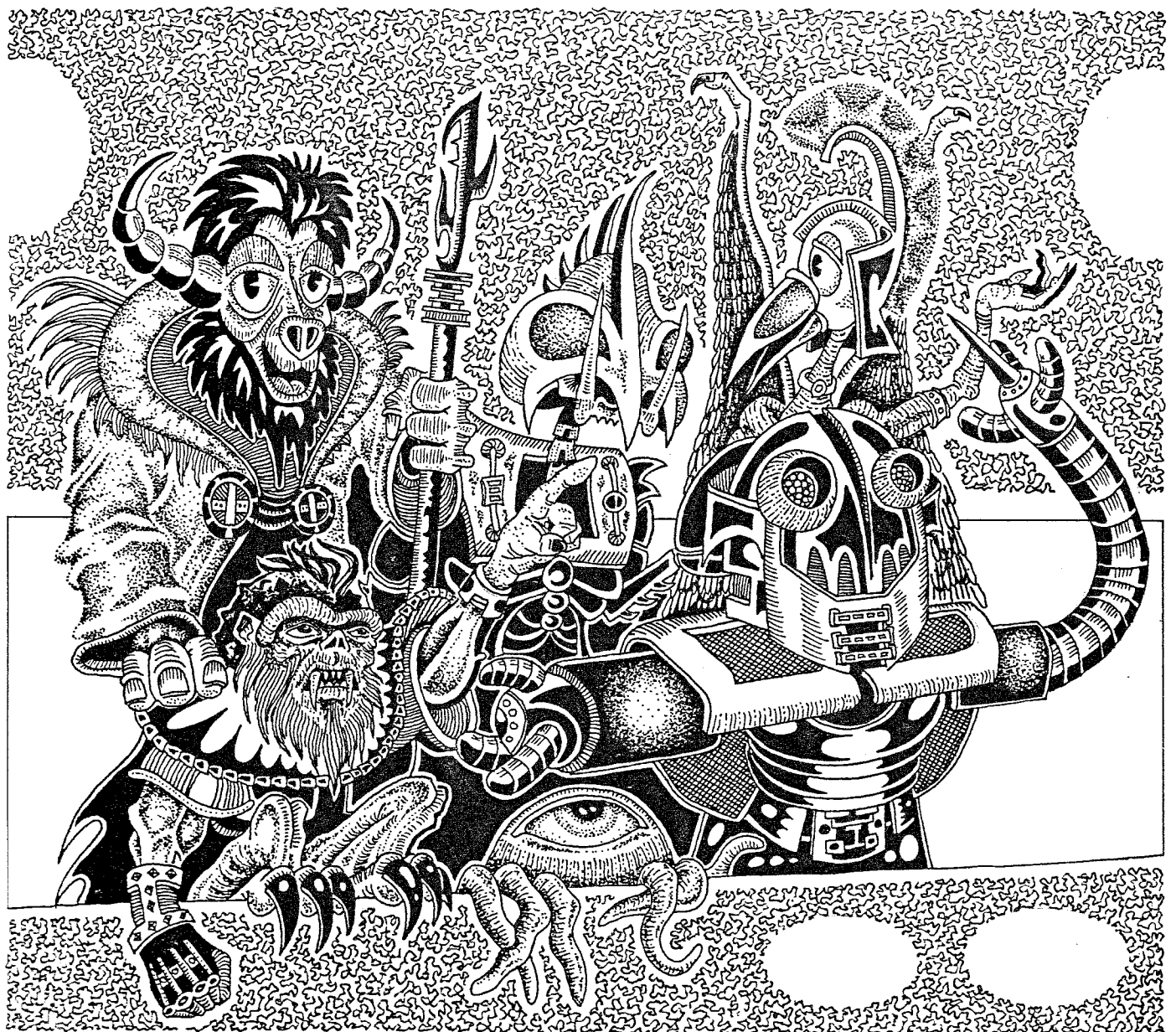
* NOTÍCIAS DO FIM DO MDA. Ruby Felisbino Me-
deiros, editor. N°s 20 (mar/abr) e 21 (mai/
jun) de 94, 34 páginas cada um. Contos, arti-
gos, cartas, notícias e o "Acervo Bibliográ-
fico em Língua Portuguesa - Contos de FC&
F", da letra H até N. Colaborações de Ruby,
Alysson, Adalberto dos Santos, José Fernan-
des, Roberto Schima. Um zine que já é uma
saudável realidade em nossa FC. Rua Comenda-
dor Azevedo, 506 90220-150 Porto Alegre, RS.

* OFICINA HQ. Mário Conde, editor. N° 2, ou-
tubro de 91, capa colorida, 62 páginas. Agra-
dável surpresa que nos vem de Porto Alegre.
Hqs de humor, sexo, FC, artigos, notícias.
Vale conhecer: Rua Santana, 667 ap.110 Porto
Alegre, RS 90040.

* DIÁRIO DO FANDOM. Roberto Causo, editor.
N° 1, junho 94. Notícias da Comunidade Bra-
sileira de FC - uma versão expandida da co-
luna homônima publicada no MEGALON. Presti-
gie! Rua André Dreifus, 109/163 bloco 2
São Paulo, SP 01252-901.

* SOMNIUM. Luís Marcos da Fonseca & Carlos
André Mores, editores. Revista do Clube de
Leitores de FC, n° 60, junho 1994, 72 pági-
nas, capa e contra capa em arte por computa-
dor. Volta depois de muitos meses, o agora
remodelado órgão do CLFC, produzido em parce-
ria com a Editora da Universidade Federal de
São Carlos (Edufscar). Gerson Lodi-Ribeiro,
Anna Creuza, André Carneiro, Ivan Carlos Re-
gina, Roberto Schima e outros desfilam seu
talento. Tem o objetivo de ser mais um semi-
prozine brasileiro. Pelo menos, a tiragem já
é suficiente: 500 exemplares. Colabore, assi-
ne, associe-se ao CLFC: Caixa Postal 473
14801-230 Araraquara, SP.

* WARP 9. Ivo Luiz Heinz & Paolo F. Pugno,
editores. N°s 3 e 4 do volume 3 (mai/jun),
(jul/ago) de 94, 22 e 24 páginas respectiva-
mente. Outra publicação que trilha o sucesso.
Contos, artigos, curiosidades sobre o univer-
so de Star Trek. Colabore, assine: Rua João
Barbosa, 53 03323-030 São Paulo, SP.



* JAN. 91
SCHIMA

Aqui estão, por mais um ano, os resultados completos e comentários do mais importante levantamento sobre a produção anual (fã e geral) da ficção científica brasileira: o Prêmio Nova.

Este ano ocorreu uma modificação quanto à dinâmica de escolha dos vencedores em cada categoria. Ao invés do vencedor ser declarado a partir do voto majoritário dos fãs, optou-se por deixar a decisão final a cargo de um júri composto por fãs representativos do fandom. Assim, apurou-se em voto popular, os três primeiros colocados em cada categoria, e eles foram submetidos à análise e escolha do júri.

A premiação em dois turnos foi decidida como uma tentativa de corrigir algumas distorções e vícios verificados com as votações populares dos últimos anos. Os jurados escolhidos pela Comissão Organizadora do Nova são: José Carlos Neves (MG), Luís Marcos da Fonseca (SP), Miguel Carqueija (RJ), Renato Rosatti (SP) e Ruby Felisbino Medeiros (RS).

Apenas as categorias relativas às Histórias em Quadrinhos (fã e geral) foi escolhida em turno único. E, ao contrário do ano passado, votaram nela os fãs de quadrinhos. Inclusive, os vencedores destas categorias foram premiados numa cerimônia à parte: no dia 29 de janeiro, em conjunto com o evento de entrega do Prêmio Ângelo Agostini.

A comissão organizadora do Nova, presidida por Cesar R.T. Silva, secretariada por Gerson Lodi-Ribeiro e Marcello Simão Branco, atua sob a supervisão da Sociedade Brasileira de Arte Fantástica. E organizou o evento de entrega dos prêmios na Gibiteca Municipal Henfil, no dia 14 de maio, em São Paulo, SP. Na oportunidade também foram entregues os certificados referentes ao Prêmio Tapirai 1994, organizado pelo MEGALON. Por volta de 30 pessoas, entre organizadores, premiados, fãs e curiosos, estiveram presentes.

Acompanhe, a seguir, os resultados finais do Nova 93, o mais fiel retrato do nosso fandom.

G E R A L

* MELHOR LIVRO DE AUTOR NACIONAL

Col.	Título/Autor/Editora	Juri/Final	Votação Popular		
			Pontos	Votos	1ºs Lugares
1º	<u>Tríplice Universo</u> , antologia, Ed. GRD	3	79	16	9
2º	<u>O Fruto Maduro da Civilização</u> , Ivan Carlos Regina, Ed. GRD	1	40	11	3
3º	<u>31º Peregrino</u> , Rubens Teixeira Scavone, Estação Liberdade	0	48	17	0
4º	<u>Os Semeadores da Via-Láctea</u> , Paulo Rangel, Ao Livro Técnico	-	31	10	0
5º	<u>Moto-Contínuo</u> , Luiz Marques Silva, Ed. Autor	-	25	5	4

Comentários: Uma das categorias mais bem disputadas e votadas neste ano. Concorreram 9 trabalhos, todos votados. Venceu a antologia Tríplice Universo, com três noveletas de qualidade de razoável para bom. Nada que chegue perto dos melhores momentos dos autores Causo, Fernandez e, principalmente, Schima. O carisma dos autores ajudou. Seus concorrentes mais próximos tem propostas mais ousadas e interessantes, do ponto de vista artístico, embora sejam de difícil assimilação a um fandom de hábitos conservadores na média. Paulo Rangel e Luiz Marques Silva são as novidades, o primeiro com uma prosa consistente e o segundo com uma boa capacidade de síntese em seus contos. Vamos incentivá-los e ficar atentos aos trabalhos deles. Vale ainda observar que tivemos uma expectativa frustrada em relação à coletânea de Ivan Carlos Regina. Escritor original, por vezes até brilhante, tinha-se a ideia que neste seu primeiro livro, o Movimento Antropofágico ganhasse uma obra a altura de suas ousadas e importantes propostas, e que fosse uma obra que chegasse ao nível de A Espinha Dorsal da Memória, sem medo de errar, o melhor livro produzido nesta Segunda Geração, de autoria de Bráulio Tavares, que já data de 1989. As ideias de Ivan são as mesmas, o fandom tem-se diversificado. Ainda assim, O Fruto Maduro da Civilização, o livro mais importante do ano que passou, não teve um reconhecimento. Talvez Ivan tenha exagerado em seus experimentalismos estilísticos e deixado o enredo e a verossimelhança num plano secundário demais. E não dá para desprezar estes dois aspectos para uma boa literatura. Faltou dosar melhor. (MSB)

* MELHOR LIVRO DE AUTOR ESTRANGEIRO

Col.	Título/Autor/Editora	Juri/Final	Votação Popular		
			Pontos	Votos	1ºs Lugares
1º	<u>Crônicas da Fundação</u> , Isaac Asimov (Record)	2	31	6	4
2º	<u>O Palácio dos Pervertidos</u> , Tim Powers (34 Letras)	1	34	8	2
3º	<u>Maré de Verão</u> , Charles Sheffield (Record)	1	31	10	1
4º	<u>Dinossauros!</u> , Antologia (Aleph)	-	30	9	1
5º	<u>Uma Pequena Morte</u> , Robert Silverberg (34 Letras)	-	27	9	2

Comentários: Como sempre, esta categoria é bem votada. Para um mercado como o brasileiro, podemos afirmar que 19 lançamentos em um ano é um número bem razoável. Quase dois livros de FC&F por mês. Todos os cinco finalistas são boas obras. E, apesar da seletividade do Juri, venceu Crônicas da Fundação, o mais popular e desprezencioso deles. O curioso é que os leitores preferiram o livro de Tim Powers, mais sofisticado do ponto de vista estilístico. As editoras do Rio, Record e 34 Letras elevaram o nível. Especialmente a 34 Letras, uma séria rival como a melhor linha de FC do País para a paulista Aleph. Espera-se para este ano, que a Aleph lance, ao menos, mais uma boa obra; e que a GRD também reapareça. Torçamos! (MSB)

* MELHOR FICÇÃO CURTA NACIONAL

Col.	Título/Autor/Publicação	Juri/Final	Votação Popular		
			Pontos	Votos	1º Lugares
1º	"Fantasmas de Vênus", Roberto Schima (<u>Tríplice Universo</u>)	3	56	14	5
2º	"A Ética da Traição", Gerson Lodi-Ribeiro (<u>Isaac Asimov Magazine</u> 25)	2	38	9	4
3º	"Julgamentos", Cid Fernandez (<u>Tríplice Universo</u>)	0	49	12	4
4º	"Capacetes Azuis, Verdes e Amarelos", Roberto de Sousa Causo (<u>Tríplice Universo</u>)	-	36	11	1
5º	"A Capilomante", José Carlos Neves (<u>Isaac Asimov Magazine</u> 25)	-	16	5	1

Comentários: Outra categoria muito aguardada e concorrida. Sem surpresas entre os finalistas. Apenas o fato de que a não inclusão de nenhum conto de Ivan Carlos Regina, com sua tão esperada coletânea, confirma os argumentos já expostos na página anterior. No meu entender, a melhor história do ano, "A Ética da Traição", inovadora em temática e priorização de personagens, além da prosa de Lodi-Ribeiro que melhora a cada texto (embora ainda tenha um caminho razoável a perseguir), perdeu para a fama de Schima. Nada mais. "Fantasmas de Vênus" é uma obra menor deste talentoso escritor. Tem erro de continuidade, pieguice e tratamento caricatural às questões políticas. Além de perder o melhor da história: os tais 'fantasmas' esquecidos e secundarizados em meio à trama. Teme-se pela quantidade (e qualidade) das nove las e noveletas devido ao fim da IAM. O fandom precisa se articular e pensar em alternativas. Há gente muito boa com trabalhos engavetados. No ponto de aprimoramento em que estamos, não podemos nos permitir um retrocesso. (MSB)

* MELHOR FICÇÃO CURTA ESTRANGEIRA

Col.	Título/Autor/Publicação	Juri/Final	Votação Popular		
			Pontos	Votos	1ºs Lugares
1º	"Tiranossaurus Rex", Ray Bradbury (<u>Contos de Dinossauros</u>)	4	28	8	1
2º	"Estação de Incubação", Harry Turtledove (<u>Dinossauros!</u>)	1	20	5	2
3º	"A Seta do Tempo", Arthur C. Clarke (<u>Dinossauros!</u>)	-	23	8	2
4º	"A Marancuki", Mike Resnick (<u>Isaac Asimov Magazine</u> 25)	0	21	5	2
5º	"Not Fade Away", R. Garcia y Robertson (<u>Isaac Asimov Magazine</u> 25)	0	15	4	1

Comentários: Uma categoria defendida por uns, contestada por outros quanto à sua existência. Neste ano, caiu muito a quantidade e a qualidade. Apesar disso, as cinco histórias mais bem votadas são muito boas. Contudo, como Asimov e Schima, Bradbury e Clarke usufruíram de seu inegável currículo de ótimas histórias. Outra categoria prejudicada pelo fim da IAM. (MSB)

* MELHOR ILUSTRADOR

Col.	Ilustrador	Juri/Final	Pontos	Votação Popular	
				Votos	1ºs Lugares
1º	Roberto de Sousa Causo	3	25	6	2
2º	Carlos Chagas	2	23	7	2
3º	Luiz Gê	0	18	5	1
4º	Wagner Vargas	-	15	7	0
5º	Myoung Lee	-	14	5	0

Comentários: Categoria importante, embora pouco acompanhada (e votada) pelo público eleitor. Bons ilustradores concorreram, com trabalhos interessantes. Fora os cinco mais votados, vale ressaltar os nomes de Ronaldo Cavalcanti, Rafael Faro e Giselda Leirner como tão bons e criativos quanto estes acima citados. A vitória de Causo - embasada em sua capa para O Fruto Maduro da Civilização -, está mais calcada em seu nome já respeitado do que na qualidade deste seu trabalho. Enfim, toda votação repete este detalhe, por mais que se tente minimizá-lo (o que fez este ano o Comitê, selecionando um júri). (MSB)

FÃ

* MELHOR FANZINE

Col.	Publicação/Editor(es)	Juri/Final	Pontos	Votação Popular	
				Votos	1ºs Lugares
1º	<u>Megalon</u> , Marcello Simão Branco	4	69	16	7
2º	<u>Notícias do Fim do Nada</u> , Ruby Felisbino Medeiros	1	64	16	6
3º	<u>Somnium</u> , R.C. Nascimento (CLFC)	0	50	13	4
4º	<u>Juvenatrix</u> , Renato Rosatti	-	28	10	0
5º	<u>Hiperespaço</u> , Cesar R.T. Silva & Jose Carlos Neves	-	27	8	1

Comentários: A categoria mais disputada e comentada em todos os anos. Neste não é diferente. O Megalon leva o troféu pela quarta vez. Não querendo falar em causa própria, mas um reconhecimento a um trabalho sério e abnegado. A edição especial dos cinco anos, foi um acontecimento histórico entre os fanzines brasileiros de FC ao longo destes anos. Contudo, o maior salto deu o zine gaúcho do senhor Ruby. Cresce de número a número, encostou na Votação Popular e pode tranquilamente aspirar o Nova o ano que vem. Já o Somnium, o maior e mais bem produzido zine nacional, ressentido-se de regularidade, uma linha editorial mais atuante no fandom. A primeira mostra de seu novo visual que acaba de sair, promete muito. Resta saber se superará os problemas levantados. Vale citar, os demais colocados: 6º Informativo Perry Rhodan, 7º Diário de Bordo, 8º Papêra Uirandê, 9º Warp 9 e 10º Confederação Niets. (MSB)

* MELHOR FICÇÃO CURTA

Col.	Título/Autor/Publicação	Juri/Final	Pontos	Votação Popular	
				Votos	1º Lugares
1º	"Ao Encontro do Sonho", Roberto Schima (<u>Somnium</u> 58)	3	21	6	1
2º	"Inimigo Interno", Fábio Fernandes (<u>Somnium</u> 57)	2	19	5	2
3º	"Aguilhas", Ruby Felisbino Medeiros (<u>Notícias do Fim do Nada</u> 19)	0	24	6	3
4º	"Predador", Adalberto José dos Santos (<u>Notícias do Fim do Nada</u> 16)	0	19	4	1
5º	"O Planeta Vermelho", Carlos Orsi Martinho (<u>Juvenatrix</u> 7)	-	13	3	1

Comentários: Categoria importantíssima dentro do fandom. A produção cresce ano a ano, a qualidade também, e daqui temos os escritores profissionais de amanhã. Dos cinco finalistas, três fazem juz a estarem onde estão: o primeiro, o segundo e o quinto (que confirmam sua qualidade, estiveram entre os cinco finalistas do Tapirai, só que em posições invertidas). Agora... "Aguilhas" e "Predador", nada pessoal, mas são contos medíocres, primários. Desses que se publica a um autor iniciante para incentivá-lo. Uma heresia a presença onde estão. Ainda mais com tantos contos bons o ano passado. Exemplos, só alguns: "Saudades de Matão" (Bráulio Tavares), "O Bêbado-de-Pancada" e "Tatu" (Roberto Causo), "Vampiros" (Carlos Martinho), "Soldadinhos de Chumbo Não Tem Sangue" (José Carlos Neves), "A Visita" (Norton Coll), "A Imagem da Divindade" (Rubens Teixeira Scavone), "Clarão Azulado" e "Presente de Natal" (Roberto Schima). Poderia citar mais, mas já são suficientes. Agora, porquê isso?

Por dois fatores: o primeiro é que o núcleo Rio-S.Paulo foi ausente na votação deste ano. Culpa do Comitê que lançou duas listas, confundindo muita gente, e falta de interesse mesmo de outra boa parte. O segundo motivo é que com o crescimento do NFN, o fandom gaúcho se rearticulou depois da extinção do Antares. E é sabido, historicamente, que os gaúchos são regionalistas. Votaram para eleger seus companheiros e não no melhor, independentemente da onde seja o trabalho. E, também, corroborando, a maioria dos leitores gaúchos não lê os fanzines paulistas. Deu no que deu. Lamentável. (MSB)

* MELHOR ILUSTRADOR

Col.	Ilustrador	Juri/Final	Votação Popular		
			Pontos	Votos	1ºs Lugares
1º	Roberto Schima	2	61	15	4
2º	Roberto de Sousa Causo	2	54	14	4
3º	Adalberto José dos Santos	0	29	7	4
4º	José Carlos Neves	-	20	6	1
5º	Alexandre Ramos Mastrella	-	17	4	2

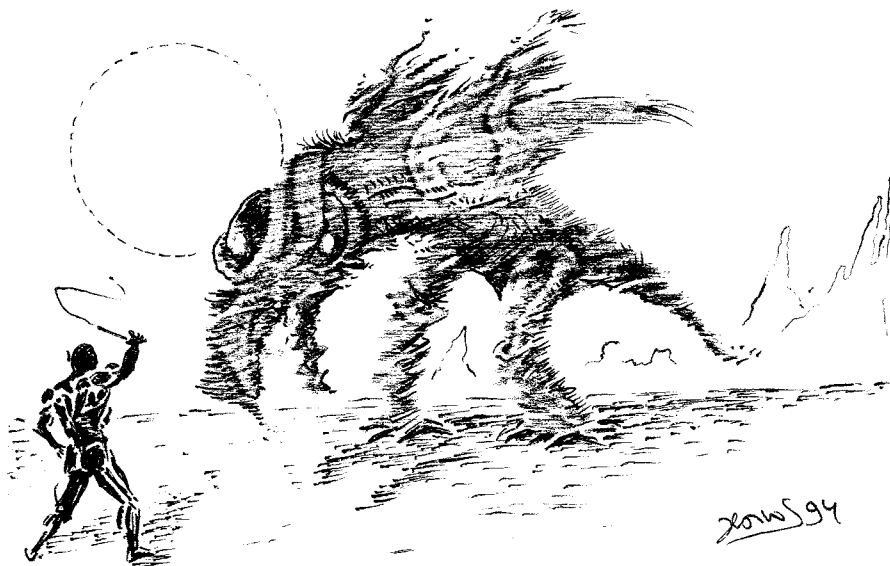
Comentários: Uma categoria muito equilibrada; a única em que o desempate foi decidido na Votação Popular - veja os números acima. Este equilíbrio tem sido a marca, todos os anos. No Tapirai o resultado se repetiu. Schima e Causo são nomes de peso junto ao fandom, e suas ilustrações tem sido excelentes. A notar Adalberto José dos Santos e Alexandre Mastrella, que se destacaram o ano passado em único zine cada um: Adalberto no NFN e Mastrella no Mega lon. Assim, fica a sugestão aos editores dos fanzines: diversificar, procurar mais ilustradores, dar espaço a mais talentos aparecerem. Assim, Schima e Causo também aprimorarão seus trabalhos. (MSB)

E S P E C I A L

* MELHOR TRABALHO DE NÃO-FICÇÃO

Col.	Articulista/Resenhador	Juri/Final	Votação Popular		
			Pontos	Votos	1ºs Lugares
1º	Roberto de Sousa Causo	2	46	12	4
2º	Gerson Lodi-Ribeiro	2	25	6	1
3º	Ruby Felisbino Medeiros	1	37	10	3
4º	Braulio Tavares	-	24	8	3
5º	Jorge Luiz Calife	-	23	6	2

Comentários: Na verdade, a categoria acima, não foi a única a ser decidida pelo voto popular, veja os números. Causo venceu, com Lodi-Ribeiro em segundo. No Tapirai, ocorreu quase o inverso: venceu Lodi-Ribeiro e Causo chegou em terceiro. A única surpresa é a presença de Ruby F. Medeiros. No Tapirai, ele não chegou entre 15 primeiros! Mais uma vez, o voto corporativo se fez presente. A revelação Alysson Fábio Ferrari, que chegou em quinto no prêmio promovido pelo Megalon, não aparece entre os primeiros. Pretende-se mudanças para esta categoria no ano que vem: serão votados os trabalhos, e não os autores. Mais uma maneira de se coibir as injustiças que - mesmo com o Juri - pontificaram neste ano. (MSB)



ROBERTO DE

SOUSA CAUSO

O MAIS ECLÉTICO E PRODUTIVO NOME DA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA NOS CONCEDE A ENTREVISTA A SEGUIR. NUMA EDIÇÃO DEDICADA A VÁRIOS ASPECTOS DE SUA ARTE E ABNEGAÇÃO À FC, CAUSO NOS FALA SOBRE O FANDOM, 'MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO', NOVOS AUTORES, POLÊMICAS, ALEGRIAS, DECEPÇÕES E, NUNCA COM TANTOS DETALHES, DE SEU PROCESSO DE CRIAÇÃO E DAS CARACTERÍSTICAS DE SUA LITERATURA. POR MARCELLO SIMÃO BRANCO



MEGALON - Você é muito dinâmico e produtivo dentro da FC brasileira, onde faz um pouco de tudo. Comente um pouco suas atividades, e que visão você tira do desenvolvimento do fandom e de seu atual momento.

ROBERTO DE SOUSA CAUSO - Sempre fui da opinião de que a FCB só existe se for ativa. E se pensarmos nessa literatura como uma forma de vida, ela só pode crescer e se desenvolver em interação com seu meio-ambiente. E a FC tem a sorte de ter o fandom como fonte dessa interação. Nesse contexto, tento fazer o possível para contribuir o máximo possível com esse "habitat". Por acaso minha atuação mais constante acabou sendo os textos ficcionais, e, ultimamente, resenhas e ensaios. A ilustração é que foi mais prejudicada, apesar do Nova deste ano - hoje eu desenho bem menos que em 1990, por exemplo, quando colaborava com a Isaac Asimov Magazine. E por falar na revista, dei uma olhada nos índices dos dois volumes, e descobri que fui o brasileiro que mais colaborou com textos, sem contar as ilustrações. Com respeito ao fandom, vi seu crescimento desde o início, e se houve melhoria no aspecto intelectual, perdemos uma certa energia e inocência essenciais. Isso foi substituído por uma dependência das iniciativas promovidas por entidades como o CFC, e por uma grande competitividade. Acho que isso é um problema de ecossistema fechado - a idéia de que dentro de um certo grupo a gente pode ter poder, reconhecimento e admiração. A solução é abrir-se para iniciativas variadas dentro e fora do fandom. Não sei

dizer o que motiva o atual desânimo da nossa comunidade, mas o único modo de inverter o quadro, segundo vejo, é continuar investindo naquilo em que tenho acreditado há onze anos: trabalho, variedade e tolerância dentro do fandom.

MEGALON - Nesta edição, você publica um conto e um artigo que, de certa forma, complementam-se numa nova vertente criativa de sua literatura, a mulher inserida no contexto da FC. Fale-nos sobre "A Mulher" e desta sua nova área de interesse.

CAUSO - Literatura é aproximação através da empatia. Empatia entre leitor e personagem, e entre autor e personagem. Quero dizer que tentar escrever sob o ponto de vista de um ser diferente, seja uma mulher ou um ET, dá chance a todos os envolvidos no processo literário de exercitar essa aproximação. É preciso dizer também que sou casado com uma sufragista, e que a convivência me sensibilizou ainda mais, quanto à condição da mulher (que já existia, se você pensar que "Trilhas Cruzadas" por exemplo, tem o ponto de vista de uma mulher, e foi escrito antes que eu conhecesse a Finisia). "A Mulher" brinca com uma série de fantasias masculinas que, admito, são parte de mim também. Acho que não há como evitá-las, mas isso não implica em que eu tenha que fundamentar minha ficção nesse tipo de fantasia machista, do mesmo modo que minha esposa ou qualquer outra mulher não tenha que suportá-

da na vida cotidiana. O conto tenta desmanchar essas fantasias, mas aceitando que elas fazem parte dos homens. A condição da mulher aparece também no meu primeiro romance, na pele de uma ex-prostituta que a Finízia considera um personagem feminino consistente. E também em outros contos. Eu penso que a condição feminina merece maior atenção da FCB, que está em débito com ela.

MEGALON - Tenho acompanhado sua ficção há alguns anos. É visível o desenvolvimento de sua prosa, e a passagem de temas mais clássicos para outros mais intimistas, onde a caracterização psicológica da personagem assume, em alguns momentos, o primeiro plano da narrativa. Apesar disso você continua priorizando o "contar uma boa história". Concorda com estas observações?

CAUSO - Elas são interessantes e elogiosas. Imagino que verdadeiras, mas não sou a pessoa mais indicada para avaliar meu próprio trabalho. Sua avaliação, porém, mostra que posso estar alcançando meus objetivos. Não conheço muito do mundo, mas conheço a mim, o que talvez responda pela natureza mais interiorizada de meus últimos trabalhos, já que é a fonte interior a mais aproveitada. De qualquer forma, acredito que o centro de qualquer literatura deva estar no ser humano. Sou um desses autores que acredita que a história é mais importante que outros elementos da ficção, inclusive caracterização e, especialmente, estilo - que tendem a ser mais valorizados na literatura moderna. É claro que a harmonia desses elementos é desejada, mas assumo que sou melhor contador que estilista, e que isto está muito bem para mim. Agora o problema maior é saber se conto bem uma história, e se ela é boa o bastante para justificar ser contada. Sou um escritor inseguro, e frequentemente estas são as questões mais determinantes na minha elaboração de um texto. O que me ressurto mais no processo é antes de mais nada uma certa falta de clareza que às vezes emperra tudo. A busca dessa clareza é mais importante, no meu caso, do que de um estilo elegante.

MEGALON - Você admite, então, que seus personagens revelam uma extensão de sua personalidade? E os temas por você tratados mostram sua visão de mundo e como as concebe no universo da FC&F?

CAUSO - Sim. E a sua perspicácia é lisongeira. Na minha equação de trabalho, a visão de mundo do autor entra como fator mais determinante, inclusive em substituição ao chamado de que o "estilo é o autor", porque é o que o distingue de seus colegas. O que diferencia, ou deveria fazê-lo, é a visão de mundo única que cada um de nós elabora ao longo da vida. Meus personagens são indivíduos solitários e às vezes segregados que tentam encontrar um papel produtivo na soci-

idade. E o meu dilema é o de muitas pessoas, e aí está o ponto em que deposito minhas esperanças de que eles tenham algum interesse para o leitor. É preciso dizer também que a visão particular do autor pode abrigar extremos: "Patrulha para o Desconhecido", por exemplo, oferece uma visão ingênua da guerra, enquanto "Capacetes Azuis, Verdes e Amarelos" fala de uma visão cínica. A FC e a fantasia dão mais liberdade ao autor para procurar essas metáforas, com amplas possibilidades de representação da realidade. Em O Jogo do Exterminador, por exemplo, Orson Scott Card mostra uma criança desajustada que salva a Terra, a custo da brutalização do seu íntimo.

MEGALON - O humanismo e o aperfeiçoamento do ser humano têm sido recorrentes em suas últimas histórias. Onde entra Orson Scott Card nisso? E qual a eventual influência dele em seu trabalho?

CAUSO - Em 1988 eu fiz uma oficina literária em São Paulo, onde só participavam escritores da ficção literária mais estilizada e experimentalista possível. É claro que me senti inferiorizado. Mas no mesmo ano e no seguinte conheci Card e seu trabalho, e descobri que havia gente com ideais semelhantes aos meus, no campo da literatura - e fazendo sucesso com obras impressionantes. Assim, crédito ao Card e a outros autores que descobri mais tarde (como Stephen King), minha volta por cima daquele sentimento de inferioridade que senti em 1988, um ponto fulcral em minhas intenções literárias. Ainda hoje, quando ouço algo muito escabroso na faculdade, chego em casa e leio algum ensaio de Card em defesa de uma literatura mais clara, simples e próxima das pessoas, e me recupero. Quanto à influência dele em meu trabalho, calculo que haja em alguns momentos, em alguns trabalhos. Se houver fico satisfeito, mas afirmo que nunca procurei essa influência diretamente, ao contrário do que aconteceu com Stephen King, que me forneceu o modelo para a realização do meu romance. Em Card tenho um modelo de postura artística, que, imagino, já existia embrionária em mim, mas que foi consolidada e melhor articulada por essa influência - bem como a de Asimov, King, e outros que defendem a mesma perspectiva, mas em menor proporção. Também tenho que admitir a influência da série Perry Rhodan, que me deu muita intimidade com os subgêneros, convenções, temas e motivos da FC. Não gostaria de ser associado a um autor, como acontecem com Calife/Clarke, Schima/Bradbury. Minha ficção é fundada em uma variação de enfoques - que aliás não parece ter sensibilizado meus críticos - que não dá margens à idéia de seguir os passos de um autor. E antes fruto de uma ampla influência de múltiplos autores e histórias, inclusive fora da FC, pois você sabe que a ficção militar é muito forte em meu trabalho. Minha equação de trabalho é a seguinte:



onde a moldura é representada por um tema ou subgênero da FC, que sustentará a idéia inicial, sendo tudo submetido à visão de mundo do autor. E isso depende de uma certa leitura ampla e variada.

MEGALON - Fale-nos um pouco desse seu romance.

CAUSO - É uma dark fantasy que conta a chegada de uma ex-prostituta em Sumaré (que está no mapa da FCB graças à InteriorCon). Ela se envolve com um cara do lugar, um personagem que foi construído com elementos autobiográficos (mas com diferenças suficientes para ser considerado uma outra pessoa), e é seguida pelo ex-cafetão, que é o complicitador da história. Há, é claro, um elemento fantástico e uma ambientação de horror, tudo cercado por uma ênfase descritiva na vida cotidiana, bem na tradição da dark fantasy de King, espero. Uma das intenções do romance é justamente dar mais forma ao gênero no Brasil, que já teve um bom começo com A Mãe do Sonho, do Ivanir Calado. Também caracterizar uma cidade do interior paulista, o que é uma investigação motivada pelo Movimento Antropofágico. Tenho várias outras histórias escritas ou sendo escritas ou projetadas, no gênero do horror, e eu e a Finisia estamos pensando em editar uma antologia de horror brasileiro.

MEGALON - Como está o Movimento Antropofágico da Ficção Científica Brasileira? Você tem trabalhado o tema, seja em ensaios, seja em ficção. Com respeito às suas histórias, a brasilidade não está um pouco esquematizada? Isto é, ela não está suficientemente verossímil, natural, e dá a impressão de ser um texto intelectual ou politicamente engajado. O que acha disso?

CAUSO - Também sinto assim, mas não sei especificar como acontece. Talvez os críticos pudessem me ajudar. reconheço que sou uma pessoa colonizada culturalmente pela cultura popular americana, e o esforço de brasilidade em minhas histórias é um esforço consciente e racional, inclusive como saída para uma interação com a sociedade e a cultura em que vivo, e que, de alguma forma, eu perdi em meus anos de formação. Penso na questão muito mais do que se imagina. Só não concordo talvez, que um texto politizado seja algo negativo. A FC argentina tem

uma qualidade politizada muito particular, que ajuda a caracterizar a especificidade de sua ficção, em relação a outras. Nós teríamos a ganhar com isso, especialmente a partir de uma idéia de que nossa condição de nação subdesenvolvida não nos obriga à imitação dos sistemas sócio-culturais norte-americanos, europeus ou dos países comunistas. Ao contrário, nos deveria permitir a compreensão do quanto essa imitação e alinhamento com tais sistemas é enganosa diante da nossa realidade particular. Não sei como conferir maior naturalidade e verossimelhança às histórias, e ainda assim transmitir essas questões. É um desafio. Talvez só com exercício e maturidade. Quanto ao Movimento, ele conseguiu inserir a questão da brasilidade e a reflexão da realidade nacional através da FCB, e hoje muitos poderiam constar de um cânone do Movimento, e suas idéias estão presentes em muitos outros. Se o proposto não formou um tipo de história com X e X características, ele está diluído em vários pontos ainda interessantes. A noveleta "Aprendizado", do Carlos Orsi Martinho, por exem-

plo: nela o autor desenvolveu a criação de nomes próprios suficientemente alienígenas e ainda assim reminescente dos nomes brasileiros, assim como Asimov e outros havia realizado com os de origem anglo-saxônica. Outra possibilidade é a de enfoques menos tradicionais à essa FC, para evitar os efeitos da "Teoria Bráulio Tavares do Estranhamento do Brasileiro na FC". A onda de FC de temática histórica em 1992, abriu mil portas antes fechadas, espe-

cialmente através da noveleta "A Ética da Traição", do Gerson Lodi-Ribeiro. Agora, é preciso reconhecer que o Movimento está parado, e que já passou a fase de choques e manifestos. É hora, talvez, de uma "regulamentação", através de discussões mais específicas sobre temática, realidade social e cultural, e modelos de emprego das conclusões. É hora de uma renovação, de um novo estágio.

MEGALON - Comente a importância da aproximação com o meio literário. E de como tem sido sua proposta de divulgar a FC dentro da universidade, da academia. Qual a contribuição que eles podem nos dar?

CAUSO - A reação de professores tem sido menos preconceituosa e muito mais aberta do que seria de se esperar. Ao contrário, tenho sido recebido em minha impertinência com muito mais generosidade do que alguns setores do próprio fandom costumam demonstrar. Um professor, Lynn Mário, conseguiu que eu desse em 1993 o primeiro curso de extensão universitária que a USP já viu, e sem interfe-

rência alguma na programação. Devo muito a ele, que também convidou-me para fazer um projeto de iniciação científica. Outro professor fez a mesma proposta, e um terceiro ofereceu-se para ser meu orientador em uma tese de mestrado sobre FCB. Gerou-se aí um problema, porque não sei a quem dizer não, o que pode ofender e magoar. Há, é claro, algumas reservas contra a FC, a maioria fruto de desconhecimento e compromissos com outros ideais. Os professores, contudo, são muito polidos e têm me tratado muito bem. Conquistar a academia é importante porque as opiniões ali nutridas em geral migram para a crítica e o jornalismo cultural, e acabam influenciando a forma como a FC é vista pelo público mais amplo. Também porque fornece mais um forte elemento de interação naquele meio-ambiente literário que é a chave do avanço do gênero. A principal contribuição talvez seja essa, no sentido de sofisticar a crítica de FC e a própria produção, mais até do que o problema do preconceito ao gênero. Mas nada acontecerá, se nós não estivermos sólidos em nossos pontos de vista. Não adiantará nada chegarmos à universidade deslumbrados, dispostos a engolir tudo o que vir de lá, sem nada contribuir em troca. A própria academia não está interessada nessa passividade. Ao contrário de outros, eu acredito que o futuro da crítica de FC está dentro do fandom. É comum, inclusive, notar que o acadêmico não consegue entender o gênero, por um problema de formação. Ele é preparado para reconhecer uma série de efeitos literários dependentes da construção sobre linguagem e alegorias psicanalíticas, e fica meio míope para lidar com esses mesmos efeitos num texto em geral mais simples, como na FC. Cabe a nós, portanto, fazê-lo identificar a presença desses efeitos no texto de FC. Uma boa medida seria a formação de uma "força tarefa" composta de gente do fandom, para buscar uma articulação com a USP e outras universidades paulistas, mas isso parece difícil, a curto prazo.

MEGALON - Você é o maior produtor cultural da FCB. Tem a maior quantidade de realizações e iniciativas, e a maior parte bem sucedidas. Por que, então, é tão criticado por algumas pessoas? Incompreensão, inveja? Injusta ou não, ficou a frase: "Causo, o Homem dos Mil Projetos". Ou piores, "Causo, tu só começa e nada acaba", "Causo, culpado por definição". Essas colocações maldosas não magoam?

CAUSO - Magoam sim, mas talvez para essas pessoas a maioria das minhas iniciativas não foi bem sucedida, ao contrário do que você pensa. Isso porque eles têm outros critérios. É possível também que tenham razão, em

algumas coisas. Eu sou um sujeito sem recursos, de formação incompleta, mas que acredito que isso não é impedimento para tentar fazer alguma coisa. A minha política é atirar pra todo lado, e esperar que um alvo ou outro seja atingido. Mas muitos se perdem, e talvez daí venha a crítica, por parte de pessoas que acreditam que, quando alguém se enfia em uma empreitada, ele deve ter sucesso a qualquer custo. Não penso assim. Sei que vou sobreviver pra lutar um outro dia. Algumas vezes assumi tarefas porque ninguém se prontificara a executá-las. O que mais lamento é que muitos dos críticos também não conseguiram realizar projetos anunciados, o que não os impede de dirigir seus canhões contra mim.

MEGALON - O fandom se divide atualmente entre o velho e o novo, ou melhor, entre conservadores e progressistas. Desde fãs apegados à tradição da FC à lá goldem age, aos defensores do Movimento Antropofágico. E, pragmaticamente entre os burocratas-colecionadores e os realizadores, produtores, como fanzineiros e organizadores de eventos. Por que o fandom se dividiu dessa forma, caindo até para o lado pessoal? O que isso tem de saudável e pernicioso no desenvolvimento da

FCB e de sua identidade?

CAUSO - Eu o dividiria entre os fãs com mentalidade de consumo, e os com uma mentalidade de criação. Muitas pessoas estão mais interessadas em conseguir um livro que lhes falta na coleção, que em apoiar

a produção de FCB ou o fomento do gênero no Brasil - e elas têm direito a isso. Nós é que ainda não criamos uma estratégia que os mobilize, de algum modo. Existe um aspecto mais triste, que é o de um certo movimento reacionário a novas idéias e iniciativas, por parte de um grupo de fãs que está mais preocupado em impedir que o fandom se desenvolva para um lado não pretendido por eles, quando, na minha opinião, deveria-se incentivar seu desenvolvimento em todas as direções. A base de um ecossistema é a variedade. E um caráter do fandom brasileiro, algo reconhecível e mensurável, só surgirá a partir da livre expressão das mais diferentes tendências. A divisão nunca é favorável, mas o claro posicionamento sim. Passamos nos anos recentes por muitos momentos desagradáveis, mas o que pode salvar o período (do qual ainda não sabemos) é o aprendizado dessas posições tomadas pelos diversos setores do fandom, de modo que o fã em geral possa se agregar ao lado que melhor lhe aprouver. É claro que existe muita hipertrofia de ego, muita ciúmeira e competitividade. Isso talvez não mude. A gente tem é que aprender a conviver com isso, de um modo positivo - se houver.

MEGALON - Quais são, em sua opinião, os talentos emergentes em nossa FC? E qual seu comentário sobre a importância para o atual momento, dos escritores da Geração GRD?

CAUSO - A Geração GRD é o único ponto de comparação que temos, e por isso terá sempre a atenção do fandom. Mas não creio que haja dúvida de que os autores brasileiros atuais são, na média pelo menos, dez vezes melhores que o pessoal dos anos 60. Da Geração GRD chegam até nós apenas os dois melhores, Rubens Teixeira Scavone e André Carneiro. Scavone é uma das pessoas mais genrosas que já conheci, e tem me ajudado muito. Devo muito a ele. O seu recente retorno à FC foi ótimo e trabalhos como O 31º Peregrino mostram que ele está bem melhor que antes, e acredito que seus melhores trabalhos serão escritos nos próximos anos. Sua bagagem de experiência e erudição, se partilhadas conosco, podem ser de muito proveito no amadurecimento de disposições intelectuais e conhecimento de tradições literárias mais prestigiadas. Quanto a quem está por aí, vou primeiro definir "talento emergente", pra que a coisa não fique ampla demais: autores que publicaram ao menos uma história profissionalmente, mas que ainda não estão amadurecidos ou não encontraram espaço mais ou menos certo na indústria editorial (esses contam-se nos dedos da mão do Lula: Ivanir Calado, Bráulio Tavares, Jorge Luiz Calife, Daniel Fresnot). Aí vai: Gerson Lodi-Ribeiro, Henrique Flory, Finisia Fideli, Ivan Carlos Regina, Carlos Orsi Martinho, Cid Fernandez, Roberto Schima. Talvez você me inclua nessa categoria.

MEGALON - Sim. Certamente.

CAUSO - Num outro nível, dos que ainda não tiveram a chance de mostrar obras de maior interesse: Fábio Fernandes, José dos Santos Fernandes, José Carlos Neves, Paulo Rangel. E, por fim, aqueles que esperam estréia profissional, mas que tem condições de mudar o quadro da FCB para melhor: Leonardo Nahoum e Ricardo Teixeira (a serem publicados na antologia Dinossauria Tropicália, se Deus e o GRD quiserem, ainda este ano). Outros que estreiarão na antologia, e que valem mencionar, são o Miguel Carqueija e o Cesar R. T. Silva. O Gerson Lodi tem raro potencial e está desbravando novos territórios da FC hard e para o uso da história do Brasil na FC. A Finisia eu acho que é a única capaz de dar solidez a uma tradição marginal na FCB: aquela de fundo espiritualista. O Martinho funde bem FC e fantasia, outra área a ser explorada. O Leonardo Nahoum é um bom estilista, que faz uso de temas muito modernos, e o Ricardo Teixeira conseguiu com seu conto "A Nuvem" aproximar a FCB da tradição do fantástico própria de Murilo Rubião e José J. Veiga. O potencial de renovação dessa turma é extraordinário. Ao meu

ver a FCB vive às vésperas de sua idade de ouro - e o fandom ainda não se apercebeu disso. Eu tentei votar para o prêmio Locus este ano, e para isso peguei a lista de recomendações fornecida pela revista e procurei o que eu tinha em minhas coleções de Asimov's e Analog, coisa que não fazia há algum tempo. Fiquei espantado pelo modo como a maioria das histórias parecia apática, anêmica, por causa do peso excessivo da elegância de estilo na literatura americana em geral. Os nossos talentos nacionais estão a anos-luz dessa elegância, mas, por outro lado, por aqui tudo o que está acontecendo é novo - a FCB é um território infindável a ser descoberto, e cada vez que um autor como o Gerson ou Ricardo abre a sua própria trilha, novos horizontes se descortinam. Vivemos o bom momento para povoar essa terra nova, mas me parece que o fandom não está reconhecendo isso. Talvez porque a competitividade não deixe que uns reconheçam os feitos dos outros, ou porque estamos preocupados demais com a FC estrangeira. É uma pena, porque se o movimento esmorecer num futuro qualquer, vamos sentir muitas saudades.



Nesta edição especialmente voltada a Roberto de Sousa Causo, temos um magnífico exemplo do atual estado de sua ficção. Recentemente publicado na revista Playboy com "A Moça que Veio Depois do Último Round" - anteriormente publicado no MEGALON 23, como "O Bêbado-de-Pancada" -, ele prossegue em sua tematização da presença feminina no universo da FC&F. O trabalho a seguir, leva ao espaço cósmico as mais básicas e recorrentes fantasias masculinas de uma mulher ideal. Da maneira como uma mulher mexe e desestrutura a personalidade de um homem. E a forma como Causo manipula os esteriótipos e clichês de nossa cultura machista, numa prosa inteligente, fluente e instigante.

A MULHER

por ROBERTO DE SOUSA CAUSO

1

EDUARDO TORRES foi acordado pelo sinal sonoro avisando a chegada da nave-correio.

Como tinha muito pouco a fazer na base orbital de observação científica, programara períodos de sono não inferiores a dez horas. Era uma pessoa muito sonolenta, e a vida toda lutara contra horários. Agora tinha um trabalho que lhe permitia dormir o quanto quisesse.

Acordado, Torres lia, assistia velhas holoproduções e mantinha a forma no pequeno nicho que abrigava o aparelho de ginástica isométrica. Trabalhas mesmo ele só o fazia durante quatro horas, todos os dias, quando Vânia, o computador de bordo, lhe exibia as observações dignas de nota, gravadas pelas baterias de câmeras e sensores. As vezes, assistir às gravações resultava em alguns insights que teriam escapado à Vânia - pois ainda não haviam inventado um modo de sintetizar a intuição. Linhas de pesquisa, frequentemente sem pontos de contato com o interesse principal do projeto, podiam ser estabelecidas por ele e levadas à termo pelo computador.

Ramos 4, o planeta que orbitava, possuía um certo bem inestimável aos círculos científicos - uma espécie com potencial para a inteligência. Comprovadamente, inteligência compatível com a de chimpanzés e golfinhos.

Inteligência alienígena era artigo de procura por parte de todos os blocos político-econômicos. Parecia a Eduardo que ser Homo Sapiens se desgastara um pouco, e as pessoas ansiavam por uma renovação ivnda de fora - eram os tempos do exocentrismo, como alguém já definira; um termo paradoxal, mas não tanto quanto gente querendo se aperfeiçoar através da eventual cultura, ciência e genética de inteligências alienígenas.

Eduardo era o único tripulante da base de observação. Trabalhava para o bloco latino, um dos mais pobres dentre aqueles com capacidade

para a colonização espacial. Construir uma base orbital completa exigia quantias razoáveis, e, enquanto o dinheiro não vinha, Eduardo permanecia ali, para manter junto aos concorrentes ricos a aparência de que pesquisas estavam sendo realizadas. A administração cinética temia que lhes fosse tomada a primazia.

Embora a quase totalidade dos trabalhos fosse feita por Vânia, era preciso alguém para dar um caráter "tripulado" à base, que era pouco mais que um cilindro com o habitat para ele, e os compartimentos contendo a instrumentação.

Eduardo sabia que uma testemunha à eventual aproximação de naves à serviço de outros blocos era mais coerciva que as câmeras, e que se algo acontecesse a ele, seria possível clamar um incidente interestelar. Estava consciente de que, em certa medida, era um refém do bloco latino contra as tentativas de usurpação do direito que tinham de investigar Ramos 4.

A cada três meses recebia mantimentos e notícias via naves-correio. Porém a última chegara e partira há quarenta e cinco dias, sem nenhuma previsão de que a próxima viria tão cedo. Havia algo não-programado acontecendo, e Eduardo saltou da cama e seguiu para a área de atracagem. A distância ridícula de oito metros foi percorrida com um único impulso, que o projetou num vôo preciso em gravidade zero.

Vestindo apenas as cuecas, parou diante do terminal que demonstrava o status da nave-robô:

ATRACAGEM COMPLETADA A 09:47

DESCOMPRESSÃO EM CURSO - TÉRMINO: 09:55

Só então percebeu que não fora avisado de que a nave-correio se aproximava. Normalmente ela enviaria um sinal de rádio assim que penetrasse no sistema.

- O que está acontecendo, Vânia? - perguntou, em voz alta.

- Uma surpresa, Eduardo - foi a imediata resposta.

O computador fora programado por ele para ter uma voz feminina e sensual. As vezes era impossível não achar tons irônicos no que dizia o computador.

- Por parte de quem? Sua?

- Não seja um mal esportista, Eduardo. Espere e veja com seus próprios olhos.

Estava intrigado. Ficou ali refletindo em quanto flutuava, até que concluiu que a expressão "mal esportista" não estava no programa de Vânia. Ao menos não naquele usado para compor a "personalidade" que o computador exibiria em seus contatos vocais. Só havia uma explicação: a nave-correio se comunicava com Vânia via rádio, passando-lhe um novo programa com o tipo de linguagem usada por quem quer que lhe tenha preparado a surpresa. Gente da administração científica, sem dúvida alguma, pois só eles tinham o código de acesso a Vânia. Eduardo tranquilizou-se um pouco. Após dois anos sozinho ali, devia merecer uma novidade qualquer que o ajudasse a passar o resto dos cinco anos de seu contrato.

Apenas aceitara o trabalho porque nada tinha a perder. Não tinha família nem fortes laços de amizade. A administração científica sabia disso, e os testes psicológicos que fizeram com ele apontavam um homem solitário e introspecto - o ideal para suportar cinco anos de quase absoluta solidão. As ondas de rádio e os lasers de comunicação não chegavam até ali, devido ao obstáculo de vastas nuvens de poeira cósmica entre Ramos 4 e a Terra. O único meio de contato eram as naves-robôs trimestrais.

DESCOMPRESSÃO TERMINADA - 09:55

Eduardo empurrou-se um pouco para trás, quando a escotilha começou a se abrir.

Estava escuro na ante-câmara, e a luz do recinto maior não bastava para iluminar o seu interior.

Por isso foi com espanto que Eduardo viu dedos longos com imensas unhas vermelhas saindo da escuridão e se agarrarem à borda da escotilha. Quando se sentiu firme, a mão começou a puxar o resto do corpo para fora, como alguém que se eleva de um poço negro. Um braço fino e uma cabeleira dourada flutuante, um par de ombros alvos e, a real surpresa, um par de mamas enormes e nuas lentamente acariciadas pela sombra que delas deslizava com o movimento, revelando-os para a luz.

- Olá - disse a mulher, exibindo um sorriso radioso. O rosto era belo e louro, de nariz reto, lábios cheios e olhos claros. E ela continuou a puxar-se para fora da ante-câmara, revelando novas maravilhas: pernas longas e um quadril cheio, um ventre liso e uma faixa de pelos castanho-escuros. - Eu sou Lana.

- Oi, Lana - Eduardo respondeu, como se fosse o máximo que pudesse realizar como ar-

ticulação da fala. De fato, sua mente estava vazia de pensamentos, preenchida totalmente pela visão de Lana.

- Vim pra fazer companhia a você - ela continuou. - Deve ser muito solitário aqui, e eu vim pra ficar com você até que volte pra Terra. Sei de todos os seus desejos, e vou satisfazê-los, um a um...

REALMENTE ELA CONHECIA seus desejos e fantasias.

Flutuando no centro do habitat da estação orbital, ela abraçou-se a ele e foi escorregando, percorrendo o caminho com sonoros beijos, até encaixar o pênis de Eduardo entre as mamas enormes, que ela forçou a pressioná-lo, apertando-as com os braços. Deu um pequeno impulso nos quadris dele, e, em gravidade zero, os dois começaram um leve movimento pendular. A gravidade quase nula lhes proporcionava uma movimentação contínua e fácil, marcada apenas pelo suave roçar do pênis no seio de Lana.

As mamas tinham um volume tal que o músculo de Eduardo era plenamente encapsulado entre as paredes gêmeas de carne morna e macia. Sempre sonhara em praticar essa modalidade, mas quando encontrava a mulher com seios grandes o suficiente, a timidez o barrava. Lana estava ali para realizar tudo o que quisesse, sem o prelúdio da sedução, sem o medo latente da recusa.

Mas como podia saber dos seus desejos mais íntimos?

Os movimentos imprimira leve impulsão aos dois. Eduardo sentiu que passaram a girar lentamente num arco vertical, com um ponto no tronco de Eduardo como eixo. Fechou os olhos. Vânia diminuira a iluminação para uma doce penumbra - e prometera que a transa não seria incluída nos tapes a serem enviados de volta à Terra. Um pouco de privacidade, nessas horas...

Oh... estava vindo.

A ejaculação foi tão forte que o casal ganhou novo impulso. De olhos ainda fechados, após algum tempo, Eduardo sentiu que tocava as costas contra a parede do habitat. Lana abraçou-lhe, e os dois repousaram em silêncio.

Eduardo achou graça na força do gozo. Estava represado. Tudo era gravado na estação, e não tinha coragem de se masturbar, sabendo que os tapes chegariam até os olhos do pessoal da Terra. Qualquer coisa poderia ser interpretada como um descontrole, e Vânia se encarregaria de pô-lo a dormir até que chegasse o substituto. Era forçado a se contentar com sonhos eróticos e poluções noturnas.

Lembrou-se de que sofrera esse tipo de pressão antes de embarcar para Ramos 4. Uma sala despojada onde passara três sessões de três meses - sozinho. Ao final de cada uma delas tinha que responder longos interrogató-

rias tomadas por psicólogos de várias áreas. O tipo de fantasia sexual que tinha em isolamento era exaustivamente investigada. Aquelles psicólogos as conheciam, e agora surgia Lana, para realizá-las.

Assim que Lana surgira da comporta, Eduardo soubera que ela era uma mulher artificial. Porém, de algum modo, o fato de saber que fora programada com seus desejos e fantasias, ampliava o estranhamento de estar se relacionando com um artefato.

Sentiu-a beijando o seu peito, e percebeu que podia se habituar a ela - sem esforço. Afinal, o fato de Lana não ser uma mulher real era um pequeno detalhe...

2

NOS DOZE MESES QUE SEGUIRAM à chegada de Lana, Eduardo recebeu comunicações brincalhonas do pessoal da Terra, sugerindo que aproveitasse bem a companhia da mulher, e que cuidasse bem dela.

Mas não havia muito o que cuidar. Era Lana quem preparava a comida para eles, e podia ainda dar conta de pequenas tarefas - que Eduardo nunca delegava. Em boa parte do tempo faziam amor, e depois de terminarem Lana flutuava em total enlevo. Ao que parecia, seus centros de prazer tinham uma recepção amplificada a ponto do eco de seus orgasmos durarem horas. Eduardo imaginou se isso não seria maneira de suprir aquela ânsia masculina de satisfazer uma mulher. Não podia se queixar de não satisfazê-la, mas talvez não fosse necessário muito...

Experimentara com ela todas as suas fantasias - e algumas novas que fora capaz de imaginar. Como parceira sexual, Lana era perfeita.

Agora, como companheira no dia-a-dia imutável da estação...

Nada conversavam além de amenidades e as juras de amor que Lana repetia incansavelmente. Ela não tinha formação em ciência, e não cultivava opiniões sobre cultura, artes ou política. Também não possuía uma história pessoal que pudesse partilhar. Por algum tempo Eduardo contou-lhe tudo o que sabia sobre si e o universo, mas Lana era obtusa às coisas exteriores à sua função. O corpo perfeito, o sexo perfeito, contudo.

O problema não estava em Lana, mas em Eduardo. Cometera a tolice de se apaixonar.

Aquele corpo... Aquele rosto perfeito de mulher. Nela havia toda a feminilidade possível. Todas as mulheres habitavam o seu corpo e viam através de seus olhos pálidos e sorriam por seu sorriso claro.

Era impossível não se apaixonar por ela.

Cedo ou tarde o sentimento iria transparecer, fora dos momentos em que Vânia se abstinha de gravá-los transando. E Eduardo sabia que então ele seria substituído. A administração científica não permitiria que alguém passível de um desequilíbrio mental (digamos, um homem que se apaixonasse por um artefato)

germanesse no posto. Seu contrato seria rescindido e ele perderia os direitos referentes aos anos que lhe faltavam. Seria um forte golpe em suas pretensões financeiras.

O que o matava era não poder compartilhar com Lana outras esferas de relacionamento. Se pudesse mudar isso, legitimaria seus sentimentos. Mesmo que o dispensassem, ainda teria Lana. Daria um jeito de ficar com ela...

Precisava fazer alguma coisa antes que tudo explodisse, e como tinha tempo, planejou cuidadosamente o que fazer.

Começou a interrogar Vânia sobre a tecnologia envolvida na produção de mulheres artificiais, usando de todos os subterfúgios que foi capaz, para que o computador não desconfiasse de seus sentimentos.

Havia a proibição legal de se criar seres inteligentes para funções restritas - para a escravidão, em resumo. A indústria de engenharia genética driblou o problema com um recurso original: Pessoas vitimadas por acidentes onde apenas o cérebro escapava ileso e o corpo era mantido por máquinas, podiam ter o cérebro transplantado para um corpo artificial. Para isso era necessário ou autorização da família, ou da própria vítima, através de doação prévia. Tudo segundo a lei.

O corpo era produzido via clonagem - às vezes de várias origens, até compor o ideal pretendido. O clone era desenvolvido sem um cérebro orgânico - apenas um implante eletrônico que atuava como regulador das funções vegetativas.

As memórias da mente transplantada eram restringidas por meio de um outro implante, fixado no cérebro doado.

Foi nesse ponto que Eduardo percebeu que podia agir. As memórias originais de Lana ainda estava lá, amordaçadas pelo implante, e ele podia libertá-las.

- ESTOU CURIOSO QUANTO AO FUNCIONAMENTO DE UM CORPO ARTIFICIAL, SÓ ISSO.

- POSSO LHE PASSAR TODOS OS DADOS.

- Você nunca vai entender a curiosidade humana, não é, Vânia? Não quero apenas saber. Preciso ver com meus próprios olhos e fazer as minhas deduções.

- Mas por que, se isso já foi feito por outros? Além do mais, suas conclusões podem estar erradas.

- Há uma satisfação inerente ao processo. Vale o risco de errar...

Mas valeria mesmo?

Lana estava atada ao console médico, que podia registrar o funcionamento completo de um organismo, em qualquer nível. Era um equipamento sofisticado porque Eduardo estava sozinho, há anos-luz de qualquer socorro. Graças ao equipamento, Vânia poderia cuidar de eventuais doenças ou ferimentos nele, com presteza.

Agora o console exibia uma visão sinteti-

nada do implante no cérebro de Lana. Pequeno como uma urina e parecendo uma aranha de oito pernas prateadas. Eduardo conseguiu que o aparelho lhe fornecesse a visão interna da coisa.

- Está interessado no implante, Eduardo?
- perguntou Vânia.

Ele sentiu que caminhava na corda bamba. Estaria o computador desconfiado? Não fazia a menor idéia de qual seria a sua programação de segurança.

- Nunca vi nada igual. O que você sabe sobre isso, Vânia? - Resolveu ser direto. Não tinha onde se esconder, dentro da minúscula base. Cedo ou tarde o computador descobriria.

- Age sobre os centros de memória, bloqueando-os. Os eletrodos enviam os impulsos de bloqueio. Utiliza a própria microvoltagem das cargas elétricas dos neurônios para se manter.

Graças a Deus Vânia colaborava. Sinal de que não suspeitava de que ele estava prestes a fazer algo ilícito.

- Isso não produz nenhum efeito colateral? A atividade desses neurônios não me parece muito comum. Ondas alfa... Mas Lana não está dormindo...

- Tem certeza?

Eduardo contemplou os olhos de Lana. Eles se moviam lentamente, com rápidos e quase imperceptíveis movimentos aleatórios.

- Movimentos rápidos dos olhos... Ela está dormindo de olhos abertos...

- A intervenção contínua do implante faz com que ela caia sempre num padrão de sonhos. Afinal, a ausência de memória seria por demais estressante, e, dessa maneira, por meio dos sonhos, ela pode acessar suas lembranças. O implante é só um bloqueador. Ele não elimina as memórias.

Eduardo estudou bem o desenho do dispositivo, evitando conversar com Vânia, agora. Em seguida, voltou-se para outras partes do corpo de Lana, levantando dados minuciosos sobre os respectivos desempenhos. Passado algum tempo, soube o que fazer.

- VEJA, VÂNIA - DISSE, apontando para os diagnósticos circunvasculares, musculares e cardíaco. - Os primeiros sinais de atrofia por ausência de gravidade. Ela não tem nanorobôs.

- Tem razão, Eduardo. Teria sido uma falha do pessoal da Terra?

- Só pode ser.

- Mas como?...

- Provavelmente você nunca ouviu falar de "erro humano", Vânia. - Eduardo sentia que estava no caminho certo. - Você precisa implantar nela os nano robôs.

- Não seria adequado...

- Faça-o, Vânia! Não quero que a moça comece a se desmanchar debaixo demim, só porque algum idiota lá da Terra se esqueceu de

injetar nas veias dela a única coisa que pode preveni-la de se atrofiar como um bebê recém-nascido.

- Sim, Eduardo.

O computador então injetou uma solução de água destilada no braço roliço de Lana. Na água flutuavam minúsculos robôs que iriam se espalhar por seu organismo, regulando o metabolismo e prevenindo que a microgravidade orbital afetasse negativamente o corpo acostumado à pressão constante da gravidade da Terra.

O próprio Eduardo tinha um exército de nano robôs circulando em seus vasos para mantê-lo inteiro. Apenas a atrofia muscular tinha que ser compensada com exercícios físicos.

Os minúsculos autômatos foram programados para corrigir qualquer desvio no que seria o comportamento normal de um corpo humano, estimulando órgãos e músculos com minúsculas cargas elétricas, atuando sobre a circulação sanguínea e a produção de hormônios. Com alguma sorte, um deles chegaria até o cérebro de Lana para ver do que se tratava aquele objeto estranho ali implantado.

E isso bastaria para causar um pequeno curto, libertando para sempre as suas lembranças.

DOIS DIAS DEPOIS LANA DESFALECEU, SIMPLESMENTE, E ENTROU EM COMA. ESTAVA PREPARANDO OS ALIMENTOS DESIDRATADOS, E DE REPENTE EDUARDO A VIU FLUTUANDO SEM SENTIDOS. PREENDEU-A NO CONSOLE MÉDICO, e checara seus sinais vitais. Estavam estaveis - ela por fim sofrera o curto-circuito no implante bloqueador de memória.

Vânia reclamou, dizendo que não deveria ter injetado nela os nanorobôs. Eduardo assumiu toda a responsabilidade, e temeu por Lana. Talvez não devesse ter arriscado aquele plano louco de libertá-la. Mas como os encefalogramas não pareciam alarmantes, teve a esperança de que em breve a mulher acordaria novamente para a vida, com sua memória de volta.

EDUARDO PARARA TOTALMENTE DE TRABALHAR. Maninha-se quase o tempo todo ao lado do console médico, tocando com ternura o rosto adormecido de Lana.

Frequentemente ele mesmo adormecia ao seu lado, e flutuava num vagar de sonho para longe dela.

Duas semanas depois de Lana ter entrado em coma, Eduardo acordou, encostado à parede oposta da estação espacial, pelo aviso de aproximação de outra nave-correio.

Não. Não era o sinal sonoro de uma nave-robô - mas o de uma nave tripulada.

Eduardo projetou-se da parede para o ter

minal de Vânia, embora o computador o pudesse ouvir de qualquer ponto do minúsculo satélite.

- Vânia, o que está acontecendo?

- Uma nave tripulada vinda do Sistema Solar com destino ao planeta Maravilha acaba de penetrar no nosso sistema. A tripulação de vinte e seis militares acaba de ser des-
pertada da criogenia. Eles tem autorização para levar Lana com eles.

- Por quê? - foi tudo o que Eduardo foi capaz de dizer. Sua mente estava em branco com o choque.

- Aparentemente este é o motivo de Lana não ter nanorobôs em seu organismo. A administração da Terra pretendia desde o início que ela ficasse com você tempo o bastante apenas para que essa nave chegasse. Os militares estão indo reforçar as unidades da Defesa Orbital de Maravilha, e Lana foi designada para servi-los. Contando o tempo de viagem criogênica até aqui, e daqui até Maravilha, ela sofreria pouco dos efeitos negativos da baixa gravidade, a ponto de ser desnecessário o uso de nanorobôs.

- Entendo - disse Eduardo. Sua cabeça voltara a funcionar. A lógica, é claro, estava do lado de Vânia. Um corpo criogenado tem suas funções fisiológicas diminuídas. O sangue não podia dilatar os vasos em baixa gravidade, porque o coração batia quase imperceptivelmente. Tudo era mais lento.

Também estava claro que não enviariam um produto de engenharia genética tão caro, apenas para lhe fazer companhia. Aproveitaram a nave-correio já programada para remeter Lana a um ponto de encontro que ficava a meio caminho entre a Terra e Maravilha. Provavelmente os militares estavam servindo em Ganimedes, onde o bloco latino mantinha um posto. Ficava mais barato enviar Lana primeiro, que transportá-la até Ganimedes para que ela visse na mesma nave que a tropa.

- Quanto tempo até que cheguem até aqui? - perguntou.

- Quarenta e três dias.

O que fazer, com esse prazo?

3

O VASO DE GUERRA de longo curso era uma distante estrela opaca, visível das vigias da estação orbital.

Eduardo tinha esperança de que Lana fosse deixada a ele, quando os militares percebessem se estado comatoso. Mas Vânia adiantou-se a ele, comunicando o ocorrido ao oficial comandante, que não se abalou, assegurando que a Defesa Orbital de Maravilha poderia tirá-la do coma, sem problemas.

"Provavelmente fariam sexo com ela mesmo que estivesse morta", Eduardo pensou, deprimido com sua impotência, observando a lenta aproximação da nave.

Então ouviu um choro baixo de criança.

- O que é isto?

- Lana saiu do coma - informou-lhe Vânia, e Eduardo quase se deixou levar pela impressão de reconhecer contrariedade na voz sintetizada.

Precipitou-se para o console médico.

Lana gemia como um bebê, e não respondeu aos apelos de Eduardo.

"A memória está voltando", ele concluiu. "Está percorrendo os caminhos iniciais, a partir da primeira infância. Com sorte voltará a ter memória plena em breve."

Essa pequena vitória motivou-o a seguir em frente com seus planos mais extremos.

A base orbital de observação tinha um pequeno vaso de escape para uma emergência igualmente extrema, e Eduardo pensou que era o momento de utilizá-lo.

- O que está fazendo, Eduardo? - perguntou-lhe o computador, quando ele começou a enfiar alimentos em uma bolsa. O vaso de escape possuía suas próprias provisões e material de sobrevivência, mas previstos para apenas uma pessoa, não duas.

- Você é inteligente o bastante para fazer suas próprias deduções, Vânia. Mesmo que não tire prazer delas.

O computador nada respondeu. Não tinha como impedi-lo de acionar o veículo de emergência por meio do controle manual, porque uma das eventualidades era a de que Vânia deixasse de funcionar ou de manter o sistema de suporte de vida. Também não poderia usar um de seus extensores mecânicos internos para injetar um sedativo em Eduardo - precisaria que ele estivesse dormindo, para fazê-lo.

Mas algo que podia fazer era avisar os militares.

Tentava vestir Lana com um de seus próprios macacões de serviço, quando o comunicador foi ligado com um estalido, e uma voz masculina e irada falou, quase aos gritos:

- Que diabo de motim é esse, Torres! Você tem as suas ordens e vai cumpri-las, ou nós abordaremos sua estação orbital e o colocaremos sob sedativos até determinar o que fazer com você. Se tentar fugir para a superfície do planeta nós o fuzilaremos no espaço, sumariamente. Sabe que temos autoridade para isso.

Eduardo deixou que Lana flutuasse ao leu, e voltou-se para Vânia.

- Está me ouvindo, Torres? Quem fala é o major Lugones, da Força Espacial Latina. Responda!

Eduardo apanhou uma ferramenta de massa substancial, segurando firme com punhos crispados.

- Torres, devo avisá-lo de que sua reticência em me responder será considerada como recusa a uma ordem direta. As penalidades serão severas! Minha nossa senhora... Tudo isso por causa de uma prostituta pré-fabricada.

A ferramenta atingiu o terminal de Vânia

com força suficiente para questrar a objetiva central. Os fragmentos flutuaram para todos os lados. Eduardo golpeou de novo.

- Eduardo... Não...

E de novo.

O MAJOR LUGONES VIU QUANDO OS IMPULSORES DO VASO DE ESCAPE BRILHARAM NA ESCURIDÃO DO ESPAÇO. LEVANTOU A MÃO, NUM GESTO QUE DIZIA AO SEU OFICIAL DE OBSERVAÇÃO da redundância de informar-lhe que o veículo fora disparado e se dirigia para o planeta Ramos.

Há horas que o computador da base orbital não enviava sinais, e Torres insistia em manter-se calado.

- Palha - chamou, dirigindo-se ao artilheiro. - Um tiro de advertência. Bem à frente da vigia dianteira. Nada que cause dano.

Um pequeno míssil, visível sob a forma de língua de fogo azulada como a chama de gás, partiu do vaso de guerra e explodiu diante do veículo de emergência. Era um armamento programado para penetrar o casco de outras naves e lá explodir com força de alguns quilotons, mas no espaço era pouco mais que fogo de artifício.

O suficiente, contudo, para que Torres e a mulher artificial entendessem que falara a sério ao ameaçar destruí-los.

Mas o alvo continuou seguindo o seu caminho rumo ao planeta.

Lugones esperou. Seus operadores de comunicações continuavam enviando mensagens ao vaso de escape, sem resposta. Ao fim de trinta minutos, ordenou que novo míssil fosse disparado, com o ajuste de fogo determinado que explodisse ainda mais próximo dos fugitivos.

Nada veio em resposta.

Quando a pequena nave tocou as camadas mais altas da atmosfera, Lugones ordenou o tiro fatal.

Não podia passar a eternidade naquele jogo, desperdiçando material do governo.

A nave de guerra voltou-se para o curso original rumo à Maravilha. Não havia porque sequer abordar o satélite de observação, uma vez que obviamente o computador fora destruído, levando com ele qualquer dado importante.

Lugones sentiu-se deprimido. Esperava aportar na base da Defesa Orbital em Maravilha com um presente muito especial aos rapazes, mas chegara de mãos abanando.

4

OS FRAGMENTOS DO QUE FORA VÂNIA flutuavam por entre os cabelos de Lana. A mulher agora balbuciava como uma criança pequena. Legolego-bá, olego-bé, gagá, papá.

Eduardo abraçara-se a ela, quando viu o vaso de escape ser destruído. E ainda mais, ao perceber que os militares estavam deixando o sistema. Seu plano dera certo - até aqui.

Não poderiam manter-se por muito tempo sem Vânia gerenciando o sistema de suporte vital. A única esperança ainda era a superfície do planeta.

Usando um pequeno computador portátil, Eduardo calculou uma trajetória de reentrada que poderia levar a estação orbital à superfície da maneira a mais suave possível. Planejou uma aterrissagem num ponto do oceano com profundidade mais que suficiente, e próximo da costa de uma das maiores massas de terra. Também calculou o impuxo necessário aos retrofoguetes, que poderia manejar manualmente. Sabia que ainda restava algum combustível neles, mas não teria margem para mais de duas tentativas.

O único problema era o fato da estação orbital não ter sido desenhada para essa tarefa. A forma era aerodinâmica o bastante, e o material de revestimento externo poderia resistir ao atrito - afinal, poderia contecer alguma transformação atmosférica em Ramos, dilatando a atmosfera superior, aumentando o atrito com a estação, de modo a atraí-la para a superfície. Tudo fora previsto - menos o choque de uma reentrada à varias vezes a velocidade do som.

Ainda havia o problema de como segurar-se no interior da estação. Eduardo pensou um pouco, e percebeu que poderia atar-se ao seu leito, e Lana ao console médico - mas as correias aguentariam?

Tinham que arriscar.

Eduardo efetuou os movimentos com os retrofoguetes, acertando milagrosamente na primeira, e foi iniciada a reentrada.

Várias voltas em torno do planeta, já tocando a atmosfera superior, diminuíram a velocidade da estação. A superfície externa aguentou bem o atrito.

Dentro do satélite, Eduardo era sacudido no envólucro do leito - um envelope de tecido resistente, preso a uma das paredes.

Finalmente entraram na atmosfera mais densa e se aproximaram do oceano onde pousariam. Não tinham pára-quadras para frear a queda, e então Eduardo acionou, através de um improvisado controle-remoto, os retrofoguetes à toda força pela última vez.

Foi o bastante para dar-lhe uma velocidade sub-sônica, mas perderam a estabilidade da estação.

Cairam no mar num rodopio que lhes roubou a consciência.

A ESTAÇÃO ORBITAL FOI DAR em uma vasta praia de fundo pedregoso. Boiara até ali, após retomar à superfície. Sobrevivera ao impacto contra a água, intacta, salvo os sensores e antenas externas.

Em seu interior, Eduardo e Lana sofreram escoriações, e ele quebrara um braço. O console médico era muito mais seguro que o osci

lante leito. Apesar da falta de Vânia, ainda foi possível usá-lo no tratamento da fratura.

Quando pisaram pela primeira vez na areia escura da praia, Lana já balbuciava frases nu ma língua estranha.

Semanas se passaram. Eduardo curou-se e aprendeu a tirar o sustento para os dois do mar de Ramos. Lana tornou-se mais fluente em sua língua desconhecida, e já registrava a presença de Eduardo com olhos arregalados.

Os animais inteligentes que ele observara através das câmeras da estação aproximaram-se deles. Eram mamíferos altos, dotados de pernas possantes e corpo peludo. A cabeça grande abrigava um cérebro de boas proporções, e os olhos eram do tamanho de bolas de tênis, escuros e ágeis.

Eduardo e Lana conseguiram ancorar a antiga estação espacial nas rochas, e dormiam ali, à noite. Enquanto o sol de Ramos brilhava, vi viam na praia escura.

Um dia Eduardo estava sentado à beira de uma fogueira, mirando as curiosas criaturas, que mantinham distância segura do casal. Lana nadava no mar sem ondas.

Poderia estabelecer algum tipo de comunicação com as criaturas? Talvez pudesse educá-los para a ciência e a tecnologia. Podia guiá-los a uma idade do ouro, a um salto tecnológico sem precedentes. Ele e Lana...

O casal seria também os pais de uma nova safra de seres humanos, que aprenderia a viver de igual para igual com uma outra espécie inteligente.

Mas Lana era estéril - fora fabricada com trompas seccionadas. Bem, se fora capaz de restituir-lhe a memória, bem podia dar um jeito de inseminá-la artificialmente, com os recursos que possuía à bordo da estação. Sim. Seriam os novos Adão e Eva de um novo e rico paraíso.

Viu Lana sair da água, apertando os cabelos com as mãos, para enxugá-los. Eduardo levantou-se, a fim de observá-la melhor. Os quadris gingavam e os seios enormes balançavam a cada passo. O peso da gravidade parecia torná-los ainda mais atraentes. A água salgada escorria de seu corpo maravilhoso, ca nalizando-se para os pelos entre as coxas.

Aproximou-se dela, detendo-a e abraçando-a. Há muito tempo que não faziam amor, e a memória do sexo em baixa gravidade ainda calava fundo nele. Apertou-lhe o seio esquerdo.

Lana empurrou-o com tanta força que ele terminou de costas na areia.

- O quê?... - balbuciou.

- Nunca mais me toque - ouviu. A voz era rouca, masculina.

- Mas Lana...

- Não me chame desse nome! Me chamo Waiwei Kubai.

Eduardo não estava entendendo nada. Levantou-se, sacudindo a areia do corpo.

- Por Alá - continuou Lana - ou Waiwei Kubai? - Como minha família pode fazer isso co migo? Como?

- Vá devagar - Eduardo pediu. Você está começando a reencontrar-se com suas lembranças. Fui eu quem permitiu isso, e se você me disser do que está se lembrando, talvez eu possa ajudá-la...

- Cale essa boca, idiota! O que pensa que sou, um gênio que você tirou de uma lâmpada pra lhe servir de escravo? Sou um homem livre!

- Homem? - Não podia entender.

- Sim. Waiwei Kubai. Sou um físico nuclear. Você ainda não compreendeu, não é? Meu cérebro foi usado à revelia para animar este... corpo estereotipado... este delírio da libido de um branco sexista...

- Não fui eu que fabriquei este corpo.

- Não! Foi só o cretino que o usou! Assim como aquele que comprou o meu cérebro, depois do acidente no laboratório da universidade. Minha família... - Estava quase chorando, agora. - Como minha família pode?...

"O dinheiro, - é claro. Precisamos de dinheiro na África, porque vocês, brancos colonizadores mantiveram o meu povo na pobreza durante tantos séculos, que agora somos obrigados a correr atrás do seu desenvolvimento, da sua riqueza. Não temos capital para a corrida às estrelas, sempre precisamos de dinheiro... dinheiro..."

Eduardo chegou a esboçar uma justificativa de que o país de onde viera, o Brasil, nunca exercera uma forma de colonialismo predador na África - e então lembrou-se que fora o último país das Américas a abolir a escravidão dos homens e mulheres e dos descendentes de homens e mulheres sequestrados da África. Eduardo preferiu calar-se.

Ela - ele - começou a chorar, abertamente. Os soluços tinham um timbre feminino, pois afinal, como Eduardo era forçado a concluir, seu cérebro podia ser o de um homem, mas as cordas vocais - assim como todo o resto do corpo - eram de uma mulher.

Seria possível que os fabricantes de seres humanos artificiais buscavam cérebros no bloco africano - ainda mais pobre que o bloco latino -, pagando talvez menos que o usual, apenas para atender a uma demanda cada vez maior? Seriam capazes de implantar o cérebro que fora de um homem, em corpo feminino?

Eduardo ainda não podia separar as coisas. Comoveu-se com o choro da mulher amada, e aproximou-se. Ela/Ele havia caído de joelhos, perto da fogueira, e cobria o rosto. Eduardo acocorou-se ao seu lado, querendo abraçá-la, mas limitando-se a pousar-lhe uma mão no ombro redondo e liso.

- Eu não pretendia... principiou.

- Não sabe o que fez comigo, não é? Terei que viver o resto de minha vida aqui, neste planeta deserto, acompanhado apenas de você, e sabendo que sou um homem negro no corpo de uma prostituta branca! Alá me receba... Eu vou me matar.

- Não... Calma, não precisa agir assim, Eu sei que a situação lhe parece... - o que di-

zen? - desesperadora, mas agora você tem de volta a sua consciência, tem um futuro. Antes era... uma pessoa que vivia só o presente, mas agora tem de volta o seu passado, suas lembranças. Podemos ter um futuro aqui.

Ela/Ele levantou a cabeça, o belo rosto louro crispado, marcado pelas lágrimas.

- Mas antes eu não sabia.

Eduardo fez com que se levantasse, gentilmente, e começou a caminhar pela praia, levando-a/o pelo braço. O toque lhe trouxe as próprias memórias de volta, e Eduardo substituiu o choque por sua própria tristeza, e suas próprias lágrimas.

- Eu te amo... - murmurou.

Silêncio por algum tempo, até que ouviu:

- Não. Você ama uma boneca de carne, e não uma pessoa de verdade.

Foi a vez de Eduardo erguer o rosto, e encará-lo.

Trocara um sonho de fantasias sexuais, pelo sonho de libertação de uma mulher. Sonhara até em ser um novo Adão, ao lado da mais bela Eva, caminhando pelo solo virgem de um mundo inteiro a povoar. E por esses sonhos arruinaram sua vida irremediavelmente. Sentia-se tão estúpido... Era um homem que caminhava ao seu lado. Um homem adulto e inteligente - talvez até mais inteligente do que

ele próprio -, não o estereótipo da loura burra a quem ele, magnânimo, estendera a mão para puxá-la a um degrau mais alto, num delírio adolescente e machista. "Talvez eu devesse me matar, também", pensou.

Olhou para o mar, e os orchedos que afloravam das águas, marcando uma paisagem de alienígena solidão. Ao longe, no lado oposto, as criaturas observavam com seus imensos olhos a imensa tragicomédia que não poderiam nunca entender.

- Agora você é uma pessoa de verdade, apesar de tudo - disse, sem entender porque o dizia.

Kubai parou e mirou-o intensamente. A brisa marinha soprava sua cabeleira louro, e Eduardo podia ver o reflexo dos fios nas pupilas claras.

- Tem razão. Sou uma pessoa.

Os dois deram-se as mãos, quem sabe motivados pela memória inconsciente do tempo que tiveram juntos, e continuaram andando pelas areias de uma praia tão distante que todos os passados se abrandavam ao som do respirar do oceano.

E às vezes Eduardo lançava um olhar discreto aos seios que subiam e desciam a cada passo, às coxas grossas marchando firmes, e às nadegas que reboavam apesar de tudo.

Eles viveriam.

ALGUMAS RESPOSTAS À IVO LUIZ HEINZ

NA EDIÇÃO PASSADA PUBLICAMOS UMA ENTREVISTA COM O FÃ E EDITOR IVO LUIZ HEINZ. NELA, O ENTREVISTADO FEZ UMA SÉRIE DE OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS SOBRE O QUADRO DA COMUNIDADE BRASILEIRA DE FICÇÃO CIENTÍFICA. A ENTREVISTA TEVE UMA GRANDE REPERCUSSÃO ENTRE NOSSOS LEITORES. DOIS DELES, ROBERTO DE SOUSA CAUSO E CESAR R.T. SILVA, RESOLVERAM SE MANIFESTAR PUBLICAMENTE NESTE ESPAÇO. SE MAIS ALGUÉM SE INTERESSAR, É SÓ NOS ENVIAR SEU TEXTO. E ABRE-SE O ESPAÇO AO IVO PARA CONTRAPOR ESTAS E OUTRAS COLOCAÇÕES NA PRÓXIMA EDIÇÃO, SE FOR DE SEU INTERESSE.

ROBERTO DE SOUSA CAUSO

Pra começar, adorei a entrevista e dei muitas risadas com o debate entre o Ivo e o entrevistador, Marcello Simão Branco. Portanto, espero que este artigo não seja visto como "represália", mas como esclarecimento ao leitor, sobre alguns pontos levantados pelo Ivo.

- "O último artigo do Causo na Locus ilustra bem isso, so informa o que lhe interessa. Mesma Locus que, na matéria sobre a Confrancisco destacava os trekkers como maioria." (pág. 14). O problema aqui é que eu não tenho poder sobre o que a Locus seleciona para publicação, do material por mim enviado. Eles tem a prerrogativa editorial de melhorar o inglês (o meu não é lá essas coisas) e de montar o artigo da maneira que quiserem, inclusive excluindo informações. Por exemplo, em minha reportagem publicada no número de dezembro da revista, foram excluídas todos

os dados referentes à publicação dos romances de Star Trek pela Aleph - a revista simplesmente não considerou a informação importante, e a suprimiu. (e aqui vale este parêntese: se você abrir a seção "Convention Liting", na Locus, não encontrará nenhuma convenção cujo tema seja Star Trek; por outro lado, abrindo a Starlog, é possível que não encontrará nenhuma que não seja relacionada à série e outras produções populares para a TV ou o cinema. Parece, portanto, que também a comunidade de FC americana faz - de ambos os lados da linha dos trekkers, a sua distinção. O fato de que a maioria dos fãs presentes na ConFrancisco serem trekkers disputando concursos de fantasias, não altera o quadro).

Continuando o mesmo argumento, na Locus de abril deste ano, a edição da revista também excluiu minha menção ao lançamento no Brasil do primeiro romance de Timothy Zahn já ve isto aqui - talvez por ser um roman-

de de Star Wars, o que mostra que não são só os trekkers os excluídos pela revista.

Mais: a revista não resenha os livros clasificados como media related - aqueles títulos relacionados a universos de séries de TV ou cinema. Recentemente ela criou uma lista dos mais vendidos em separado para os media related - como fez aqui o Jornal do Brasil, criando uma lista especial para os títulos esotéricos e de auto-ajuda - de modo que esses livros não excluam obras originais do tipo de divulgação promovido pelas listas de best-sellers. Paciência. Faz parte da linha editorial da Locus, e eu nada tenho a ver com isso. As reportagens que mando tentam ser o mais completas possível. É claro que, como não poderia deixar de ser, há o meu recorte do que acontece no fandom brasileiro. Acho que é inevitável que haja esse recorte, por conta de um juízo de valores inerente a pessoa que assina qualquer reportagem. Mas, pesando tudo, acho que a afirmativa do Ivo foi feita em bases falsas.

Já com respeito à SBAF, é preciso dizer que, primeiro, a entidade é muito jovem, e ainda não teve condições para realização de projetos mais ambiciosos. Pelo momento ela não só produziu o Boletim do Nova, mas organiza e realiza anualmente a entrega desse prêmio tradicional da FC brasileira. Também produziu em 1993 um diretório de estudos de FC no Brasil, distribuídos a todos os fanzines associados à SBAF (lembrando que todos os fanzines foram convidados a participar).

Para agosto deste ano, a SBAF realizará uma convenção de FC em São Paulo - a I RhodanCon, que, apesar de ter como maior enfoque a série Perry Rhodan, não se concentrará apenas nela. Ao contrário, o evento promete ser variado, inclusive abrindo espaço para fãs de Star Trek, de quadrinhos e de FC em geral. Entre outras entidades que se associarão à SBAF na realização do evento, estão a Associação de Quadrinistas e Caricaturistas, e o fanzine Informativo Perry Rhodan.

Sobre a não participação de colaboradores do fanzine Warp 9, editado pelo Ivo em conjunto com Paulo Pugno, no último Nova, o fato deveu-se a impossibilidade do comitê organizador em incluir como Melhor Ficção Curta Fã projetos de naves espaciais - que sem dúvida não se enquadram no campo da ficção (forma literária), embora sejam textos tratando de objetos fictícios. É preciso esclarecer ainda (o que já foi feito junto ao coeditor Pugno) que é muito difícil para o comitê organizador do NOVA incluir tudo o que se passa em termos de FC no Brasil, no período de um ano, simplesmente porque as informações são muito esparsas. O leitor deve saber que não foram apenas os referidos textos do Warp 9 excluídos por não caberem nas categorias do prêmio - outros trabalhos e autores foram esquecidos porque foi impossível ao comitê tomar conhecimento de sua existência há tempo. A única solução para que a realidade

da FC no Brasil seja plenamente representada no prêmio é que os fãs de toda a parte se empenhem em levantar os concorrentes, notificando o comitê. Não colaborar em nada e depois cobrar um desempenho impecável do prêmio, inclusive aludindo a segregação e preconceito, não é atitude produtiva em absoluto.

De resto, concordo com boa parte do que foi expresso pelo Ivo em sua entrevista, e acho que não preciso fazer novas ressalvas, no momento.

Uma questão importante é o espaço existente entre o CLFC e a FEB. A aproximação entre as duas instituições nunca se dará efetivamente, se ambas não se empenharem pra valer. Mas, por outro lado, talvez não haja interesse em que isso aconteça. Nem de parte dos staffs das entidades, nem por seus associados. Eu não sei o que quer o fã brasileiro, e pode ser que ninguém saiba. Talvez cada um queira permanecer no seu canto - com direito a isso. Os que quiserem variar, terão as condições para isso, mesmo que dependendo da criação de sua própria agremiação. E nisso em especial, concordo com o Ivo - é preciso que surjam novos clubes e associações, destinadas a eventualmente se unirem em projetos comuns.

A Sociedade Brasileira de Arte Fantástica, nesse aspecto, surgiu com o ponto de vista de justamente promover a articulação dessas entidades em projetos de mútuo interesse. Infelizmente a adesão à proposta foi mínima - inclusive por parte da Frota Estelar Brasileira e do fanzine Warp 9, tanto quanto do CLFC - e diante disso a SBAF continua atuando, porém sem a perspectiva inicial de promover a aproximação e a conjugação de esforços produtivos por parte dos diversos segmentos do fandom nacional.

No meu entendimento, a SBAF deve repelir qualquer acusação de ser um agente de imobilismo dentro do fandom (a crítica explícita do Ivo). Ao contrário, ela apresenta uma alternativa que, se não se realizar a contento, terá sido vítima (mais uma) do imobilismo do fandom - aí incluindo todos aqueles que deixaram de, ao menos, considerar as suas propostas.

CESAR R.T. SILVA

Não é do meu feitio responder a opiniões pessoais de companheiros emitidos em fanzines. Acho essa prática lamentável e que nada leva, apenas criando escaninhos onde se encontram frustrações e aborrecimentos mal resolvidos. Mas uma vez que a SBAF, Sociedade Brasileira de Arte Fantástica, da qual sou diretor, foi citada e tripudiada ferozmente, não posso me furtar a esclarecer alguns pontos ao amigo Ivo e aos leitores do MEGALON, que tem acompanhado o duro trabalho da SBAF e de seus colaboradores, através de suas páginas.

Reconheço o vigor combativo do Ivo, que

foi muito explorado por grupos de ação, em passado recente, seus dissabores e consequentes dogmas que o levaram a retirar-se do fandom literário, e sei que ele também reconhece em mim idênticas características. De certo modo tenho alguma participação no desenvolvimento da "Teoria Heinz" e tudo mais. Só não estamos juntos atualmente porque optei por um caminho próprio, mais voltado aos quadrinhos, enquanto o Ivo se voltou a Star Trek. De certo modo, são os dois mais expressivos grupos independentes de fãs de FC, e com certeza onde mais se colhem resultados positivos. Ambos estamos garimpando novos fãs dentro dessas áreas, levando a eles as maravilhas ocultas da FC literária, eternamente encerrada num gueto de onde seus próprios fãs relutam em sair. E é por essas razões que compreendo a amargura do Ivo com tudo que se relaciona ao fandom literário, seja CLFC, SBAF, Prêmio Nova ou que quer que a ele se alinhe. E não me surpreendo em ver nosso despretencioso projeto recebendo críticas tão duras que só vem comprovar que o que fazemos causa interesse e produz paixões.

Quando fundei a SBAF, com apoio de amigos fanzineiros como Roberto Causo, Marcello Branco, Renato Rosatti, Alexandre Santos, Wendell Stein e outros fãs, ficou claro a todos que não seria um Clube ou Associação onde se escolheria um cacique que teria a obrigação de fazer tudo e se responsabilizar por todo o passo de cada filiado. Seria, isto sim, um agrupamento de empreendedores, com objetivos individuais, que quisessem articular-se a outros iguais com o objetivo de dinamizar e ampliar atividades. Foi difícil fazer-nos compreender, e ainda é, uma vez que o anarquismo não é moeda corrente no fandom, extremamente conservador e pouco liberal, que vive a cobrar resultados de outrem e procurar culpados a seus próprios fracassos, sem nunca ver em si próprio os erros de conduta.

Temos, na SBAF, lutado por questionar-mos todo o tempo, sempre mantendo entre nós o respeito que sabemos merecer uns dos outros. Temos nossos debates, desencontros, mas estamos em constante evolução do encontro de qualidade e representatividade maiores.

Assim procedemos com o Prêmio Nova, atividade única no fandom que tem grande reconhecimento de editoras, autores, ilustradores, fãs e entidades públicas no Brasil, e que já figura no currículo oficial de autores como Orson Scott Card e Philip José Farmer, entre outros. Isso é o resultado de um trabalho honesto e sincero, onde a ninguém se explora, e que a ninguém cobra responsabilidades.

O fandom, como um todo, hoje dispõe de seu retrato de corpo inteiro através dos resultados do Nova e, goste ou não, ao mirá-lo vê-se a si próprio.

O Nova dispõe de regulamentos minuciosos que decidem sobre a concorribilidade de cada item em todas as categorias, e tal regulamento pode ser solicitado por aqueles que quei-

ram adequar suas obras ao Prêmio. Garanto-lhe que o fanzine ...ENPE... nunca nos procurou para saber o motivo de não serem listados, e até o acho óbvio. O ...ENPE... não é um fanzine de FC, nem mesmo de fantasia ou horror. É um fanzine de seriados de TV, que optou por certos seriados, em alguns números - não todos - que poderiam ser enquadrados, mas o fanzine em si, não.

Os fanzines de Star Trek, por outro lado, são de FC, e por isso são sempre relacionados - mas nunca expressivamente votados. Sua quantidade acaba pulverizando o interesse dos fãs, que se espalham pelos títulos sem nunca elegerem um preferido. E não é por falta de distribuir cédulas.

Neste ano, pressionados pelo exíguo tempo e diversos desencontros de comunicação, a comissão do Prêmio Nova viu-se obrigada a aceitar a iniciativa individual do Hiperespaço em distribuir algumas dezenas para seus leitores e colaboradores. Tal cédula apresentou falhas dada a ignorância de seu incompetente editor que não coleciona todos os fanzines de FC, como naturalmente se espera de um editor. Mas a comissão, tão rapidamente como lhe foi possível, providenciou nova e oficial cédula, distribuída aos demais fãs, reparando tal erro imperdoável. Como vê, não é falta de democracia, mas sim democracia demais, ou anarquismo, o que permitiu tal disparate, que se espera não mais ocorrer em futuras edições.

Cabe, porém, assinalar que muitos trabalhos publicados no Warp 9, de edição do amigo Ivo, não se adequam a nenhuma categoria do Nova (como pseudo-contos que são os artigos de tecnologia-ficcional, tão apreciados pelos leitores do fanzine), e por isso não são relacionados.

Não é o interesse de colecionar troféus por nós mesmos confeccionados que nos move, muito pelo contrário, é o interesse de alargar os horizontes das mentes opacas dos fãs de FC literária, e ao mesmo tempo, levar aos demais fãs potenciais de áreas diversificadas as sensações do maravilhoso só experimentável na estética da ciência.

A dificuldade de integrar o Prêmio Nova ao fandom não nos desmotiva, pois a promoção tem feito progressos consideráveis em outras esferas, o suficiente para revigorá-los por muitos anos. Arrisco afirmar que o Nova nunca esteve tão bem colocado como hoje.

Outras atividades da SBAF, creio eu, não vem ao caso neste momento. Não sinto necessidade de contar as maravilhas "Sbaflanais", que terão suas próprias oportunidades quando lhes convier. Mas gostaria de convidar aqueles que nos criticam, em especial ao amigo Ivo Heinz, que nos procure pessoalmente e informe-se dos regulamentos do Nova e da seriedade com que são tratados. Não fique esperando que "a diretoria da SBAF" saia a procurar de nomes de colaboradores para serem agraciados com o Nova. Atue como divulgador, faça sua própria campanha e dedique-se a trazer ao Nova uma comunidade que rompa o conservadorismo do fandom.

Nada nos deixaria mais felizes.

Cesar R.T. Silva

Diretor da Sociedade Brasileira de Arte Fantástica.

SEXO E CONDIÇÃO FEMININA NA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

por ROBERTO DE SOUSA CAUSO

É PRECISO ANTES DE FALAR de sexo e condição feminina na literatura brasileira em geral, e começo afirmando que se houvesse uma crítica feminista ativa na imprensa cultural brasileira, ela encontraria em nossas letras muito pa-
no pra manga.

Para começar, ainda anda por aí uma literatura intimista masculina cujo maior interesse está em ser uma expressão do desconforto do homem brasileiro diante da mulher sexualmente liberada e profissionalmente competitiva.

É o caso da novela Vampiro (Iluminuras, 1993), do jornalista Luciano Trigo, onde todas as mulheres da redação de um jornal carioca são mostradas como promíscuas feras sexuais sem nenhum escrúpulo profissional ou ético na busca de seus objetos de desejo. A narrativa empresta o motivo do vampiro (que de fato não existe no livro) para reforçar a metáfora de que todos naquele jornal (e não apenas mulheres) seriam pessoas incapazes de ter relacionamentos produtivos, que vivem vampirizando-se umas às outras. Perto do final o autor con-
trapõe a esse estado de coisas uma única personagem feminina - uma jovem aparentemente doce e abnegada. Ou seja, diante da mulher liberada e competitiva, voltê-mo-nos àquele modelo romântico antigo de pureza e adequação social.

Uma hostilidade semelhante à mulher liberada e competitiva - também dirigida contra uma personagem jornalista - aparece em A Guerra dos Cachorros, de outro autor jornalista, José Antonio Severo (é curioso especular sobre os motivos dessa visão que companheiros de profissão têm de suas colegas).

Severo escreveu no fim da década de 1970 e início da de 1980 dois romances que pareceram ser uma tentativa de produzir um modelo de ficção de boa resposta comercial, com temas inéditos e "grandes", sexo, ação e intriga. Ambos os trabalhos possuem características que os aproximam da ficção científica. O primeiro foi A Invasão (L&PM, 1979), romance que chegou a despertar atenção na época em que foi lançado - no meio do regime militar -, por prever para 1986 a abertura política e até a regularização do Partido Comunista. No romance o Brasil é uma potência militar da América Latina, com até mesmo alguns B-52 comprados como refugio da Força Aérea dos Estados Unidos (doce ilusão). O grande lance da história, é o convite do governo de Angola (com quem temos relações históricas desde o tempo da colônia) para que o Brasil intervenha militarmente no país, a fim de expulsar os soldados cu-

banos que estão ali instalados desde 1975.

Já A Guerra dos Cachorros (L&PM, 1983) é uma história que lembra enredos de filmes B de FC e horror: Todos os cães de São Paulo juntam-se num grande bando e passam a atacar a população humana da cidade. (Detalhe curioso: O primeiro ataque se deu na mesma rua de Perdizes onde minha esposa, Finisia Fideli, tem o seu consultório médico homeopático.)

Os protagonistas são o tenente-coronel da PM Antônio Carlos Setúbal, e a tele-jornalista Maria Cecília. Os dois aparecem a maior parte do tempo, mas suas ações não tem pertinência para a história principal, que é a resistência governamental contra os cachorros. Há, portanto, duas linhas narrativas descompassadas no romance. E aquela protagonizada pelo casal é a mais embaraçosa.

De início o oficial da PM e a jornalista têm sexo em cenas bastante explícitas, onde o autor dispõe aquele tipo de linguagem pornográfica que se ve, por exemplo, no "Forum" da revista Ele Ela, onde pênis são "arietes" e vaginas "portais do palácio dos prazeres" (a conotação de conquista e dominação não é desprezível). Setúbal, o PM, é divorciado, mas durante o tumulto provocado pelos cães acaba procurando a esposa. Os dois acabam tendo sexo, mas, ao contrário da cena com Maria Cecília, nada é explicitado.

Maria Cecília é uma profissional hipercompetitiva. Para marcar pontos na redação da TV, revela fatos que comprometem o novo namorado. Setúbal, por sua vez, é um ingênuo, um crédulo que não percebe as tramóias da mulher. Mas Maria Cecília não ficará sem punição.

Ao finalmente ajudar Setúbal, que tinha uma diferença com a Polícia Civil, ela é aprisionada por torturadores (estamos nos tempos da ditadura) que não a querem fazendo perguntas sobre seus superiores. E Maria Cecília é torturada - com choques nas mamas e nos genitais. Mas é claro que o autor não podia parar aí. A mulher liberada e competitiva tem que ser punida exemplarmente, e então ela é estuprada por quatro homens em uma constrangedora cena onde é narrado um ato sexual de tripla-penetração (dá pra imaginar?). E, como não podia deixar de ser, Maria Cecília consegue sentir prazer e goza.

Esse motivo tão comum na pornografia - a mulher que, não importando o quão humilhante ou violento possa ser o ato, acaba cedendo e gozando - aparece com variações no romance

Silicone XXI (Record, 1985), de Alfredo Sirkis, uma mistura às vezes interessante, outras nem tanto, de FC com história de detetives e sátira política.

No romance, em dado momento a repórter Lili (o que há contra as jornalistas, afinal?) é pãga bisbilhotando por Estrôncio Luz, o homem da pistola de raios laser e do pênis de silicone (daí o título do livro). Pra variar ela é estuprada por ele e seu gigantesco órgão artificial (pênis exagerado é outra recorrência: na Guerra dos Cachorros o pênis de um dos estupradores é descrito como do comprimento de um antebraço). O velho adágio de que "quando a curra é inevitável, relaxe e goze" vem à mente de Lili, mas a diferença em relação a Maria Cecília é que ela não goza - mas consegue transar numa boa com um colega de trabalho, pouco depois. E Lili racionaliza: "Era uma forma de apagar a lembrança ainda candente no seu corpo de Estrôncio, da completa insensibilidade que lhe suscitara aquela pica de silicone, da morte que sentira no sexo." Não me parece coerente que uma mulher estuprada, logo após a violência sofrida, se entregue ao sexo como antídoto. (Uma rápida pesquisa revelou que, com apoio psicológico, a mulher supera o trauma após um período que pode durar alguns meses.) Mesmo por que a solução subentende a necessidade de um homem para remediar a má "lembrança". Dá para detetar que o que está no fundo é uma fantasia masculina, antes de mais nada.

Em A Guerra dos Cachorros, associada a essa fantasia aparece ainda outro mito masculino. Após o estupro coletivo, Maria Cecília é levada às ruas pelos torturadores, que não querem testemunhas, e é literalmente atirada aos cães antropófagos. Mais adiante as forças governamentais conseguem vencer a guerra dos cachorros - sem a menor intervenção de peso por parte da jornalista e do coronel -, e Setúbal termina tranquilo na praia, ao lado dos filhos e da ex-esposa Mirian, com quem está disposto a casar-se novamente. E nem um pensamento para Maria Cecília, aquela mulher tão sexualmente liberada e profissionalmente competitiva que teve o que merecia de quatro torturadores-estupradores - e dos cachorros. E o herói, o grande herói homem que fora enganado em sua pureza pela vil jornalista, retoma normalmente sua vida, voltando para a esposa amada e casta (lembram-se que o sexo com ela foi apenas enunciado, e não descrito?). Subjaz claramente aquela idéia de "uma mulher em casa para ser amada e respeitada, e uma vagabunda na rua para ser usada e abusada", que é tão cara nas sociedades latinas.

Outro mito comum é a necessidade de um homem para que a mulher possa obter sua realização. Isso aparece na própria linguagem. Quando dizemos "Ele agora é um homem", queremos dizer que a pessoa se tornou produtiva e responsável, capaz de assumir seu papel na sociedade. Mas quando dizemos "Ela agora é uma mulher", queremos dizer que ela não é ma-

is virgem. E, obviamente, é preciso um homem para apresentar a ela essa nova condição. "Ele me fez mulher", é uma afirmativa que aparece muito na literatura, na voz de deliciosas damas recém-defloradas.

No conto "Um Animal Urrando de Prazer" (Playboy, dezembro de 1993), o autor Luiz Vilela (Te Amo Sobre Todas as Coisas) relata, usando apenas diálogos, o encontro de um homem e uma mulher que estão para se separar, após um relacionamento. Ela implora para que ele não vá, e lembra de um episódio de sexo anal vivido por ambos:

- Mas aí - ela disse -, aquela hora você foi mais fundo ainda.

- Fui.

- Acho que aquela hora você atingiu minha alma.

- Atingi. A alma da mulher mora no fundo do rabo, você sabia?

- É?

Ele balançou a cabeça.

- A alma da mulher mora no fundo do rabo. E quando você a atinge, aí não há mais segredo, não há mistério. Todas as defesas caem, todas as amarras se soltam, todas as artimanhas se desfazem. Aí há só o animal urrando de prazer.

Maravilhosa peça de iluminação sobre o comportamento humano. "A alma da mulher mora..." Agora, notem como essa assombrosa concepção se associa ao ideal pós-revolução sexual de liberação, e ao pós-freudiano ideal de expressão do inconsciente: "todas as amarras se soltam." Não importa que a mulher seja vista sob uma lente reducionista e machista, que a vê apenas como parte de uma dimensão puramente sexual dominada pela sexualidade masculina. A transcendência da mulher, o vislumbre de sua essência estaria, pois, naquele lugar...

E ainda acusam a ficção científica de ser uma literatura de "fantasias adolescentes de poder". Se o que vimos acima não é uma fantasia sexual adolescente masculina, então eu não sei o que é.

Não que faltem exemplos. Sexo anal também aparece em A Guerra dos Cachorros, ou vinculando ao estupro, ou aquela dor que acompanha o prazer - e que é proporcionada pelo homem.

Bem, sexo anal aparece em toda parte, no Brasil. Desde Capitães de Areia, o primeiro romance de Jorge Amado, até as prateleiras cheias de catecismos nas bancas de revista. Preferência nacional. Se é coerente a crença de muitos psicólogos e psiquiatras de que sempre há um elemento sadomasoquista de humilhação e dominação no coito anal, talvez haja aí uma expressão inconsciente da forma hierarquizada em que se estrutura a sociedade brasileira.

Mas essa é uma discussão secundária. O que importa é a detecção dessa fantasia anal coletiva sob a forma de uma redução animista da mulher ("Não digo que toda mulher gosta

de apertar. Só as normais.", já dizia Nelson Rodrigues), e que é também uma fantasia machista de submissão da mulher e uma reafirmação do ego masculino.

Mesmo quando o autor pretende inverter as relações de poder envolvidas no estupro, como acontece com um episódio em Amorquia (Alph, 1991), de André Carneiro, a problemática permanece. Um casal vindo de uma sociedade sexualmente livre é capturado por policiais de um contexto aparentemente contemporâneo a nós. O homem é amarrado a uma cadeira e forçado a testemunhar o estupro da mulher. Mas como na sociedade deles o sexo é a coisa mais natural do mundo, o efeito de causar sofrimento desejado pelo torturador não acontece, o que faz com que este não consiga a ereção, sendo em seguida consolado pela mulher. O torturador chora com a brochada, e a mulher o trata de modo maternal. Assim, o autor ridiculariza, através da inversão da relação de poder no estupro, a fragilidade do homem diante da impotência - "Vocês, homens, são tão frágeis", diz a mulher. Agora, aceitando que a tortura e o autoritarismo sejam expressões políticas do mesmo anseio por potência sexual (Freud explica), o autor acaba também gozando esses fenômenos tão traumáticos a um país como o Brasil. Permanece, porém, a visão do sexo como um campo de batalha onde poder e submissão constituem a tônica, algo que a mera inversão de papéis não consegue diminuir. A novela de André Carneiro, aliás, revela o tempo todo essa reversão de papéis que não consegue fornecer uma alternativa para o sexo-como-campo-de-guerra.

Com Henrique Flory, especialmente na coletânea Só Sei que Não Vou por Ai! e no romance Projeto Evolução, o sexo está vinculado ou à paranoia da AIDS, ou a uma visão adolescente superficial e gozadora. Suas mulheres - assim como todos os personagens - são em geral títeres sem grande profundidade nem vidas próprias.

Ivan Carlos Regina, nos trabalhos reunidos na coletânea O Fruto Maduro da Civilização (FC ED, 1993), tem no sexo um tema recorrente. Ele aparece em histórias que falam da liberdade sexual plena, da pologamia (em "Murgau A.M.A. Murgau" e em "O Inesperado Hárem do Comportado Olavo") e das ansiedades mesquinhas do homem moderno com a satisfação de seus desejos, em uma chave irônica e satírica. Mas falta o personagem feminino forte, de qualquer maneira (a ênfase na ficção de Regina, aliás, não recai sobre os personagens).

Já na utopia hedonista de Jorge Luiz Calife, em sua trilogia Padrões de Contato, o sexo é livre mas aparece pouco. Suas mulheres, independentes, belíssimas e atuantes, parecem - como já observara antes Jeremias Moranu - estar nos lugares dos homens-de-ação, enquanto estes ficam em casa nutrindo pensamentos românticos e apreciando a anatomia das moças. Gil Vicente já brincava, em suas fan-

tas, com homens tolos e românticos, e mulheres práticas e vivas. A perspectiva, em Calife, parece não ser essa, mas a de uma idealização irreal da mulher. Se alguns homens estão assustados e rancorosos com a mulher sexualmente liberada e profissionalmente competitiva, Calife dá a entender que está deslumbrado por ela.

Apesar das tentativas de uma Angela Duncan ou Luciana Vilarés de Calife, faço coro à minha esposa Finisia Fideli, lamentando a ausência absoluta de personagens femininas fortes na ficção científica brasileira, quanto mais uma discussão séria sobre seu papel.

De resto, a literatura brasileira está repleta de concepções ingênuas e antiquadas que vêem o sexo como escusa existencial ou metáfora de libertação que remontam à década de 1960. Há a presença de um tom contínuo de afirmação da qualidade liberal do escritor, que se fala de sexo ou diz palavras ostensivamente - como a gente costumava fazer quando era adolescente e queria mostrar independência aos pais e professores. Sobrevive ainda a idealização da mulher em um modelo confortável pré-realista romântico. Às vezes o leitor é obrigado a encarar as fantasias sexuais de potência, submissão da mulher ou o seu temor desse novo ser que está surgindo para conquistar seus desejos e sua realização profissional.

Não que o uso literário de fantasias e a transmissão inconsciente de temores seja uma falha - pelo contrário, tratam-se de fontes essenciais para o escritor. O que atrapalha é o uso medíocre e equivocado dessas fontes. Stephen King, por exemplo, expressou consistentemente seus temores - e os de sua geração - com respeito à mulher liberada em Carrie. A fantasia masculina da felação foi muito bem tratada - assim como a AIDS, o amor homossexual e a relação sexo-morte - na noveleta "Death in Bangkok", de Dan Simmons. O sonho do sexo livre foi dissecado no romance de Robert Silverberg, Mundos Fechados, onde o mundo superpovoado dá forma ao ideal do Marquês de Sade - cada pessoa servindo-se livremente dos corpos umas das outras. A liberdade sexual como válvula de escape para uma realidade estressante sem dúvida esvazia os nossos devaneios românticos pós-revolução sexual.

Mas não quero opor o mau uso do tema pela FC nacional ao ótimo uso feito pela FC estrangeira. Robert A. Heinlein, por exemplo, depõe contra a idéia. No seu Friday, a personagem-título é estuprada por cinco facínoras e ela não só relaxa, como resolve cansá-los para facilitar sua fuga. No mesmo romance o autor narra cenas de sexo homossexual entre mulheres (outra fantasia masculina), mas nada diz, em seu mundo de sexo livre, de homossexualidade masculina. Também em Um Estranho numa Terra Estranha o mesmo acontece, e Heinlein chega a tratar a imagem física dos homossexuais pejorativamente (quando repudia

EMBORA HAJA SEMPRE EXCESSÕES QUE AO INVÉS DE CONFIRMAR A REGRA, DESTROEM-NÁ, É COMUMENTE ACEITO QUE TANTO O SEXO QUANTO A MULHER TRATADA NÃO COMO COADJUVANTE, MAS COMO PROTAGONISTA CHEGARAM TARDE NA FICÇÃO CIENTÍFICA ANGLO-SAXÔNICA. A SITUAÇÃO PARECE QUE SÓ MUDOU A PARTIR DOS ANOS SESSENTA COM O FEMINISMO, A GENERALIZAÇÃO DO DEBATE, E, PRINCIPALMENTE, PELO SURTI MENTO DE ESCRITORAS COM UMA VOZ ATIVA E CONSISTENTE NO CAMPO, DEFENDENDO UM PONTO DE VISTA FEMININO COM ENGENHO E ARTE.

O QUE JUSTIFICA, ENTRETANTO, QUE A FC BRASILEIRA AINDA VIVA TEMPOS PRÉ-NEW WAVE EM SEUS TRATAMENTOS DO SEXO E DA MULHER? UMA ÍNDOLE NACIONAL MACHISTA? A ADESÃO ANTIQUADA DOS NOSSOS AUTORES ÀQUELA ASCÉTICA E MASCULINA FC CAMPBELLIANA?

NÃO TENHO RESPOSTAS, SÓ MAIS QUESTÕES - E O APELO PARA QUE ESSA SITUAÇÃO SEJA REVOGADA O MAIS RAPIDAMENTE POSSÍVEL.

A ÚNICA ALTERNATIVA É DE QUE OS ESCRITORES SE DEBRUCEM SOBRE A QUESTÃO, COLOCANDO SEUS TA LENTOS NA AOBRDAGEM DO PROBLEMA. É PROVÁVEL QUE LEVE ALGUM TEMPO PARA QUE SOLUÇÕES INTERES-SANTES COMESSEM A SURGIR. BRUCE STERLING DISSE EM UMA ENTREVISTA QUE É POUCO PROVÁVEL QUE UM HOMEM POSSA REALMENTE ALCANÇAR O PONTO-DE-VISTA DE UMA MULHER - MAS ISSO NÃO SIGNIFICA QUE ELE NÃO DEVA TENTAR. ELE PRÓPRIO O FEZ MUITO BEM ROMANCE PIRATAS DE DADOS.

TENTEMOS, POIS A LITERATURA TAMBÉM É UM UM EXERCÍCIO DE SUPERAÇÃO DE PRECONCEITOS E DE APROXIMAÇÃO SOLIDÁRIA DE SERES HUMA-NOS (OU NÃO-HUMANOS) QUE, POR DIFERENÇA CROMOSSÔMICA, DE PREFERÊNCIA SEXUAL OU PO SIÇÃO NA SOCIEDADE, SEJAM DIFERENTES DE QUEM ASSINA UMA OBRA QUE BUSCA TRATAR COM JUSTIÇA OS DILEMAS DO NOSSO TEMPO.

E ENQUANTO ISSO NÃO ACONTECE, QUEM SA-SABE ALGUÉM SE ANIMA A INAUGURAR A CRÍTI CA FEMINISTA NA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA?

MEGALON 31



E aqui está a terceira sequência da série "Neblina e a Ninja", uma disputa mortal nos subterrâneos do planeta Terra. Ninja aterroriza, raptando, ameaçando, matando. Neblina, a contra-gosto do inspetor Madeira, vai assumindo a liderança da investigação. Com vocês, a fluência narrativa e o suspense crescente da prosa de Carqueija em mais este episódio.

NEBLINA E A NINJA

por MIGUEL CARQUEIJA

(CONTINUAÇÃO DO CAPÍTULO 3)

DIZEM QUE NA JERUSALÉM DOS TEMPOS DE CRISTO, CERCADOS POR MURALHAS, CONTRABANDISTAS FAZIAM PEQUENAS PASSAGENS SECRETAS EM LOCAIS REMOTOS DESSAS PROTEÇÕES. Por tais passagens, conheci das como "buracos de agulha", transportavam seus contrabandos, utilizando camelos novos. Esses animais passavam bem até chegar na corcova - aí é que eram elas. Ao que parece, foi por isso que Jesus fez aquela famosa declaração: "É mais fácil um camelo passar por um buraco de agulha do que um rico entrar no Reino do Céu."

Em Nova Brasília, como em outras cidades subterrâneas, existiam também muralhas e movimentação de contrabandistas e outros marginais por elas. Tais muralhas separavam a cidade das áreas subterrâneas selvagens, criadas como reservas da natureza livre, e consideradas regiões perigosíssimas. As muralhas possuíam vários níveis e geralmente não chegavam até o topo de vidro cristalino ou de camadas geológicas naturais. Eram muito complexas e cheias de esconderijos. Hercílio andava muito por elas, em busca de negócios escusos, e dessa maneira terminara por entrar em contato com os Bandidos Negros.

Alegou Hercílio ter sido ameaçado de morte para concordar em dar passagem livre aos quadrilheiros, e em seguida revelou onde ficava a base dos mesmos, nas amuradas.

Madeira era um homem de ação. Pediu reforço, deixou uma parte no prédio, terminando de tomar depoimentos, e dirigiu-se com o restante para o local indicado. Hercílio ia junto para guiá-los. E Neblina, é claro, acompanhou-os.

Dirigiram-se, com prioridade de trânsito, para a Passagem do Noroeste. Neblina, que recebera, meio às escondidas, cumprimentos de Isabela e Ruiz (que haviam permanecido no prédio), viajava agora ao lado de Madeira, num veículo trepador de seis lugares. À esquerda, na frente, ia o motorista; atrás, algemado, ia Hercílio, cercado por dois corpulentos detetives.

- Se tivermos sorte - ia dizendo Madeira - acabaremos hoje mesmo com essa quadrilha.

Neblina não acreditava nisso. Sabia que uma paça nas muralhas seria extremamente problemática. Mas não quis esfriar o entusiasmo do inspetor.

Quando o "hovercraft-lagarta" - aparelho extremamente maleável - chegou à última guarita, que antecedia uma longa terra-de-nin-guém, Madeira voltou-se para Neblina:

- Acho melhor você não ir mais adiante.

- Isso está fora de cogitação, inspetor Madeira. Não precisa se preocupar comigo pois eu possuo treinamento para essas coisas.

- Você tem uma autorização de ordem superior. Se lhe acontecer alguma coisa, eu não tenho responsabilidade.

- Nem eu vou responsabilizá-lo. É o quanto basta.

Madeira voltou-se:

- E agora, Hercílio, vamos a pé, porque a diante é muito íngreme. Saltem!

Saíram todos e Hercílio começou a tremer como vara verde:

- Eu não posso acompanhar vocês. Eles vão me matar! Se sabem que fui eu...

- Você só terá que nos indicar o local exato da base. Se quer que isso pese em seu julgamento...

- Mas eu já disse. Três quilômetros adiante, em volta do lago, mas no lado do bosque. Na estação biológica que foi abandonada por falta de verbas.

- Você nos acompanhará até poder indicar com o dedo. Aí você solta com dois de nós.

NEBLINA - Inspetor, pelo que eu estou entendendo nós vamos atacar de uma só direção.

- Não pretendo dispersar minhas forças.

- Mas não seria melhor cercá-los?

- Isso seria ótimo se fosse possível usar helicópteros, mas desde que isso está proibido...

- Mas se não os cercarmos, eles escaparão!

- Não se formos suficientemente rápidos. E dispenso outros palpites!

Neblina mortificou-se e calou a boca. Madeira era o chefe da operação; o que ele decidisse teria que ser obedecido.

Começaram a andar sobre a muralha, larga como a da China. Neblina afastou-se de Madeira. O comissário Empédocles, homem idoso, de cabelos brancos, mas firme o bastante para tomar parte em operações perigosas, segredou à garota:

- Não fique triste com a atitude de Madeira, menina. Ele é um bom homem, mas muito cabeçudo. Não pode admitir que você oriente a polícia.

- Não estou orientando, mas ajudando.

- Eu sei. Participando. No começo eu também estranhei. Mas todos nós estamos percebendo que você sabe muito bem o que faz e é muito valorosa. Só que isso fere o orgulho do Madeira. Você deve perdôá-lo e ter paciência com ele.

Neblina sorriu:

- Só espero que a tática dele dê certo.

A muralha tinha muitas irregularidades que, a certa altura, desaconselhavam o uso do hovercrafts. Havia desníveis que o pessoal tinha que pular ou galgar. Era uma travesia perigosa. A certa altura, um quilômetro antes do jogo, Hercílio apontou à distância:

- Vejam!

Numa bifurcação descendente, 200 metros além, dois sujeitos instalavam uma antena ou coisa parecida na pedra.

MADEIRA - Não nos viram. Vamos por cima. Oscar, Ataíde, fiquem com o Hercílio.

O numeroso grupo policial avançou. Barracuda, como era conhecido o policial mais corpulento da tropa, com cerca de 2,05 m (seu verdadeiro nome era João Alberto), comentou em voz alta:

- Eu quero ser o primeiro a achar essa ninja. Se ela acha que bate em homem, vou tratá-la como trataria um homem.

Tinham perdido de vista os dois homens.

Avançando um pouco mais, chegaram a um mirante que ficava bem por cima do local procurado.

Lustosa e Madeira adiantaram-se e, de pé, observaram pela mureta o plano inferior onde trabalhavam os dois sujeitos, meio ocultos por densa vegetação.

E foram vistos por eles.

Os dois indivíduos, cujos "BN's" agora eram visíveis em sua blusas, sacaram logo as armas. Lustosa e Madeira recuaram para fora da linha de tiro.

- Peguem dos dois! - gritou Madeira. - Disparem a geléia!

Vários policiais se posicionaram e dispararam suas bazucas portáteis de geléia paralisante. Neblina avançou pela amurada, pensando na burrice de Madeira e Lustosa, que poderiam ter se deitado no chão para observar por baixo da mureta, sem o mesmo risco de serem vistos.

Começara a perseguição.

Sem ligar para mais ninguém, Neblina correu em grande velocidade e desceu para o patamar inferior assim que avistou um trecho de muita vegetação protetora. Algumas casinhas improvisadas apareceram na borda do plano inferior, num trecho que descia com certa suavidade para a terra-de-ninguém. Homens e mulheres corriam à toda, saindo dessas cabanas e passando para outros níveis, mais abaixo. Policiais disparavam e as cabanas, duramente atingidas, ruíram fragorosamente.

As várias bifurcações da muralha dividiram perseguidores e perseguidos. Neblina estava num trecho em que o patamar superior

descia, quase alcançando a mesma altura do médio. Agora Neblina avistava ao longe uma casa maior, de tijolo, e um grande que saía às pressas. A casa tinha um andar que dava para a estrada superior da muralha; por uma das portas do andar "térreo" saiu uma mulher alta, com o "S" estampado na blusa.

Neblina e a Ninja avistaram-se à distância.

Entretanto o bombardeio da polícia, que avançava por baixo, provocou uma nuvem de fumaça e o pânico na quadrilha. A Ninja bateu em retirada, com uma grande mochila às costas e uma arma a tiracolo.

O caminho fez uma curva. A uns 80 metros da casa, já sem avistá-la pela interposição de uma grande pedra, Neblina parou, motivada por uma intuição.

Seus ouvidos eram muitos apurados.

Erguendo o rosto Neblina avistou o Bandido Negro que, faca nos dentes, mergulhava sobre ela, vindo da muralha mais elevada.

Neblina abaixou-se rapidamente, com grande simetria de movimentos quando o atacante caiu sobre suas costas ela se ergueu numa cama-de-gato estupenda, jogando o bandido, com horrendo berro, no abismo.

Antes que pudesse refletir no que houvera, Neblina viu-se diante de outro bandido, surgido detrás da pedra e portanto uma espingarda-laser. Seu rosto estava cheio de ódio:

- Ah, sua cachorra! Mataste o Tistu! Pois vais morrer agora!

Ergueu a mira e disparou. Neblina só teve tempo de se cobrir com capa: o raio laser foi refletido e bifurcado pelas lentes-joulas astronômicas e os reflexos atingiram o bandido que, com outro horrível grito, caiu queimado e fulminado.

O cadáver se estendeu no chão, soltando a arma. A moça aproximou-se mas, ao tentar negá-la, a carabina, em precário equilíbrio, caiu pela ribanceira, explodindo lá embaixo.

- Talvez seja melhor assim - filosofou Neblina, em pensamento. - Menos uma arma para matar.

Quando conseguiu se reunir aos policiais, escutou a queixa atormentada de Madeira:

- Ela fugiu. E o pior é que ela matou dois dos meus melhores homens!

- Então empatamos - respondeu Neblina secamente - porque eu matei dois dos piores homens dela!

***** CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO *****

PARALELAS & ALTERNATIVAS

gerson
lodi-ribeiro

PESTE NEGRA ALTERNATIVA

SILVERBERG É CONSIDERADO PELO fandom e pela crítica um dos autores mais criativos e originais do pedaço galáctico. Não é de se espantar, portanto, que em meados da década de 1960, quando decidiu escrever um juvenile com enredo de Terra Alternativa, tenha inventado uma temática própria, ao invés de optar por um dos modelos já consagrados. Bater nas mesmas teclas da vitória nazista na Segunda Guerra, ou de uma derrota da União na Guerra Civil Americana? Quanta mesmice! Mesmo há 30 anos, esse autor já tinha idéias melhores.

Silverberg pensou na Peste Negra, a grande epidemia que varreu a Europa entre 1340 e 1350. Num intervalo de pouco mais de quatro anos, um terço da população do continente foi simplesmente apagada do mapa. Foram necessários cerca de 200 anos para que a população europeia atingisse o patamar de 1348.

E se houvessem perecido três quartos ao invés de apenas um terço? No mundo real a Peste Negra já foi, em termos relativos, uma tragédia sem precedentes na história das epidemias humanas. Se apenas um europeu em cada quatro permanecesse vivo ao final do ciclo epidêmico, Silverberg imaginou que a Europa Ocidental talvez se tornasse presa fácil para a sede de conquista dos turcos otomanos.

Na nossa Terra, o expansionismo do Império Otomano no Ocidente foi detido com muito custo, apenas às portas de Viena, em outubro de 1529. Uma Europa depauperada por uma Peste Negra Alternativa como a imaginada por Silverberg no entanto, não possuiria efetivos suficientes para resistir ao avanço das tropas dos sultões otomanos. Conquistando a Áustria, os exércitos de Suleiman abririam caminho para a invasão daquilo que em nosso mundo seria o Sacro Império Romano-Germânico. Depois da queda desse último bastião da Europa Central, os reinos da França, Espanha e Portugal seriam levados de roldão pela enxurrada turca. Por fim, a própria Inglaterra seria conquistada em meados do século XVI.

É claro que num cenário desse tipo a expansão comercial e marítima da Europa Ocidental jamais se daria. No fundo, o exercício de pensamento que Silverberg propõe ao leitor é que este tente imaginar um mundo a qual onde as diferentes culturas e civilizações americanas, africanas e asiáticas e da Oceania não foram avassaladas pela fúria co-

lonizatória do europeu ocidental. Um mundo não só de ocidentais e ocidentalizados, mas uma Terra onde as maiores potências do século XX são justamente os Impérios Inca e Asteca, onde os russos colonizaram o litoral da Califórnia e os grandes navegadores maoris tiveram a oportunidade de consolidar a sua civilização na Polinésia e em muitos outros arquipélagos do Pacífico.

Mas, voltando aos europeus, sem a expansão comercial e marítima, foi apenas por acidente que os súditos portugueses do vasto Império Otomano finalmente descobriram a América, nos últimos anos do século XVI.

Perdida numa grande tempestade, uma caravela frágil e solitária se afastou da costa africana e acabou aportando no Golfo do México. O atraso dos europeus em quase um século proiciu às civilizações pré-colombianas o tempo necessário para que os Impérios Inca e Asteca se consolidassem.

No caso particular do contato entre astecas e os naufragos portugueses, Montezuma III não encontrou a mínima resistência quando decidiu sacrificar os estrangeiros às divindades de seu povo.

Na Europa, o Império Otomano se tornou uma potência tipicamente continental, voltada para o seu interior, apenas interessada na consolidação da religião islâmica nos territórios ocupados.

Sem a presença do conquistador europeu, os Impérios Inca e Asteca aperfeiçoaram seus Estados, aportando no século XX com o status de superpotências. Na África, a ausência do colonizador branco e das práticas escravistas, permitiu que os reinos negros, islamizados ou não, se desenvolvessem em seis ou sete nações soberanas de economia próspera e cultura pujante. No Pacífico, os maoris também encontraram, na ausência das potências europeias, a sua oportunidade de florescer como civilização.

Não atingido pela Peste, e impedido de se expandir na Europa devido à presença hegemônica dos turcos, o império dos czares russos conquistou a Sibéria e o Alasca. Mas, ao contrário do que ocorreu em nosso mundo, eles não pararam nas proximidades do Estreito de Bering. Não encontrando resistência, os russos desceram pela Columbia Britânica e estabeleceram sólidos entrepostos comerciais em toda a Costa Oeste, do Alasca ao norte da Califórnia.

É nesse background rico e diversificado que Silverberg coloca o romance The Gates of Worlds. Tendo conquistado sua independência ao Império Turco somente no início deste século, a Inglaterra está iniciando tardiamente

o seu processo de industrialização. O protagonista é um jovem e ambicioso inglês. Filho de uma família nobre mas arruinada, ele decide embarcar para o México dos astecas em busca da fortuna.

É claro que as coisas não eram tão simples quanto ele pensou. Embora conquiste as simpatias de um feiticeiro da corte de Montezuma XII e de um jovem asteca de estirpe nobre, o inglês acaba se envolvendo numa manobra revolucionária, encabeçada por um primo e desafeto do imperador. O desacerto não passa, naturalmente, de um pretexto para colocar o protagonista e seus companheiros de viagem vagando pelos mais diversos pontos da América do Norte, e entrando em contato com várias culturas, dentro e fora da área de influência asteca.

Há espaço para a paixão juvenil. O protagonista se enamora por sua companheira de viagens, uma ameríndia de uma tribo perdida do litoral noroeste do continente. Longe de ser ignorante, a jovem é poliglota e amante de Shakespeare (ela até aprendera o idioma turco para poder apreciar a obra do Bardo no original...).

Ao final de suas peregrinações, o inglês não conseguiu se tornar um mísero centavo mais rico, mas parece algo amadurecido. A história acaba com a sua decisão de partir em busca da amada que, cansada dos sonhos de grandeza do companheiro, emigrara para um dos reinos da África.

Silverberg deixou este universo ficcional de molho por mais de vinte anos. No final da década passada escreveu uma novela, um trabalho inteiramente diferente de The Gates of Worlds em tom, enredo e abordagem, mas situado na mesma linha histórica alternativa criada para o romance.

Estilisticamente falando, Lion Time in Timbuctoo é um trabalho mais maduro que o anterior. O autor já não mantém mais os hábitos de hacker, que caracterizavam seu estilo na década de 1960. O Robert Silverberg do final dos anos 80 é um escritor em pleno domínio da sua arte. Falta, contudo, à novela algo do viço e daquela ingenuidade saudável presentes no romance. Não que Lion Time in Timbuctoo não seja gostoso de ler, muito pelo contrário. É, no entanto, um trabalho mais cerebral, com menos daquilo que os norte-americanos costumam chamar de sense of wonder.

Agora a história se passa num reino da África Negra Muçulmana, correspondente a uma fração da República de Mali do nosso mundo, mas infinitamente mais próspero e desenvolvido. Trata-se de uma história de diplomacia, intriga política e amorosa.

O monarca desse importante Estado africano está prestes a morrer. Seu único filho e herdeiro é tido no exterior como um playboy irresponsável. Todas as grandes potências da Terra se apressam em enviar os seus representantes para prestar as honras fúnebres ao so-

berano, e para assistir a coroação do seu sucessor.

Como seria de se esperar, a insistência do velho monarca em permanecer vivo começa a causar mal-estar aos diplomatas estrangeiros. Alguns destes tramam o assassinato do príncipe herdeiro e a anexação do tal reino por um Estado litorâneo, aliado de russos, ingleses e astecas, mas antipático aos interesses turcos. Para piorar a situação, a espera dos estrangeiros se dá sob um verão inclemente, com o país castigado por uma seca e um calor alucinantes.

Ao contrário do que se deu com o romance, aqui não há um protagonista fixo que narra a história na primeira pessoa. O foco narrativo está ora sobre o herdeiro do trono, ora sobre a bela filha do embaixador turco, ou ainda sobre um dos outros diplomatas.

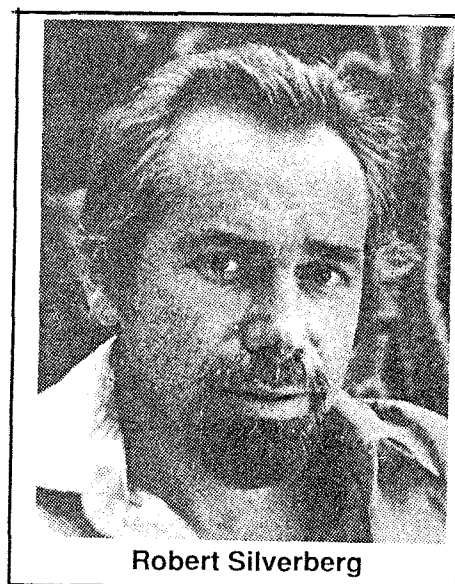
Silverberg também abre uma brecha para um enlace amoroso e um curioso menage a trois. Positivamente, não se trata de um juvenile desta vez.

A ação física não parece tão preponderante quanto em The Gate of Worlds. Mas quem foi que disse que uma boa história de intriga política precisa de muita ação física? O importante é que o autor consiga prender o interesse do leitor; e para isso, basta saber escrever bem. Bom, neste aspecto o Silverberg continua sendo imbatível.

Os dois trabalhos ainda não foram traduzidos para o português até a data de elaboração deste artigo. É uma pena. Mesmo assim, recomendo com empenho aos aficionados fluentes em inglês, sobretudo os apreciadores do Silverberg, que percam um tempinho para conferir. Vale à pena.

Bibliografia

- = Silverberg, Robert. The Gates of Worlds. Tor Books (1967).
- = Silverberg, Robert. Lion Time in Timbuctoo. Pulphouse Publishing (1990); Axolotl Press.



Robert Silverberg

Prezado Leitor:

Estudiosos dos enredos históricos alternativos do mundo inteiro estão organizando uma lista que pretende incluir todos os trabalhos do nosso subgênero. Fui encarregado da seção que contém os trabalhos publicados no idioma português (tanto originais quanto traduções de trabalhos estrangeiros).

Segue-se abaixo o estado presente desta seção. Se por acaso você conhece algum trabalho de Terra Alternativa publicado em português e não apresentado nesta lista, por favor entre em contato comigo [Caixa Postal # 34.071 - Ag. J. Botânico - 22462-970 - Rio de Janeiro - RJ]. Obrigado.

+ Barbet, Pierre: **Baphomet's Meteor** ["*Os Cruzados do Espaço*"], Livros do Brasil (1980). Trans: Eurico Fonseca.

+ Bradbury, Ray: *A Sound of Thunder* ["*O Reboar do Trovão*"], in **Science Fiction for People Who Hate Science Fiction** ["*Ficção Científica Para Quem Não Gosta de Ficção Científica*"], org. Terry Carr, O Cruzeiro (1969). Trans: Edgar Costa Moreira.

+ Deighton, Len: **SS-GB** ["*SS-GB: Nazi-occupied Britain, 1941*"], Civilização Brasileira (1982). Trans: Roberto Raposo.

+ Dick, Philip K.: **The Man in the High Castle** ["*O Homem do Castelo Alto*"], Brasiliense (1985). Trans: Sílvia Escorel.

+ Effinger, George Alec: Everything But Honor ["*Tudo Menos a Honra*"] in **Isaac Asimov Magazine de Ficção Científica** # 6 [Isaac Asimov Science Fiction Magazine - Brazilian version] (1990). Trans: Ícaro S. França.

+ Farmer, Philip José: **Two Hawks from Earth** ["*Universos Paralelos*"], Livros do Brasil (1986). Trans: Eurico Fonseca.

+ Garrett, Randall: **Too Many Magicians** ["*Terra da Magia*"], Livros do Brasil (1980). Trans: Eurico Fonseca.

+ Gibson, William: *The Gernsback Continuum* ["*O Continuo de Gernsback*"], in **Mirrorshades** ["*Reflexos do Futuro*"], Livros do Brasil (1989). Lacking translation title in Version 14. Trans: Eduardo Saló.

- Harrison, Harry: **West of Eden** ["*A Oeste do Eden*"], Gradiva (1986). Trans: Ana Maria Falcão.

- Lodi-Ribeiro, Gerson: "*A Ética da Traição*", in **Isaac Asimov Magazine de Ficção Científica** # 25 (1992) and **O Atlântico Tem Duas Margens**, org. José Manuel Morais, Ed. Caminho (1993).

T: French - "*L'Éthique d'une Trahison*", **Antarès** # 41 42 - Special Courts Romans Ed. (1992), org. Jean-Pierre Moumon. Trans: Jean-Pierre Moumon.

W: Paraguayan Navy would have won the battle of Riachuelo River, in 1865. Allied naval blockade fails and Paraguay was able to receive support from U.S.A., Germany and France. Paraguay won the Triple Alliance War against Brazil, Uruguay and Argentina, the victor gains a vast amount of territory at its foes' expenses. Brazilian empire falls. The Paraguayan Army occupies the most important Brazilian cities up to 1910.

S: A Brazilian astrophysicist destroys his life's project and flees to Paraguay to keep his world safe from been changed to ours.

- Moore, Ward: **Bring the Jubilee** ["*E Tudo o Tempo Levou*"], Clássica (1992). Trans: ?

+ Nurse, Patricia: *One Rejection Too Many* ["*Uma Recusa a Mais*"], in **Asimov's Choice: Extraerrestrials & Eclipses** ["*Asimov: O Melhor da Ficção Científica*"], Expressão & Cultura (1980). Trans: César Tozzi.

+ Pohl, Frederik: *The Deadly Mission of Phineas Snodgrass* ["*A Missão Mortal de P. Snodgrass*"] in **Day Million** ["*Dia Milhão*"], José Olympio (1975). Trans: José Sanz.

+ Pohl, Frederik: *Waiting for the Olympians* ["*Esperando os Olímpianos*"] in **Isaac Asimov Magazine de Ficção Científica** # 3 (1990). Trans: Fábio Fernandes.

+ Roberts, Keith: **Pavane** ["*Pavana*"], Clássica (1992). Trans: ?

+ Silverberg, Robert: *Translation Error* ["*Erro de Leitura*"], in **The Cube Root of Uncertainty** ["*Rumo à Estrela Negra*"], Expressão & Cultura (1974). Trans: Elza Martins.

+ Simak, Clifford D.: **The Fellowship of Talisman** ["*A Irmandade do Talismã*"], Livros do Brasil (1980). Trans: Eurico Fonseca.

+ Simak, Clifford D.: **Where the Evil Dwells** ["*Onde Mora o Mal*"], Livros do Brasil (1985). Trans: Eurico Fonseca.

+ Spinrad, Norman: **The Iron Dream** ["*O Sonho de Ferro*"], José Olympio (1976). Trans: José Sanz.

+ Stableford, Brian: **The Empire of Fear** ["*O Império do Medo*"], Clássica (1991). Trans: Trindade Santos.

+ Sterling, Bruce & Lewis Shiner: *Mozart in Mirrorshades* ["*Mozart de Óculos Espelhados*"] in **Mirrorshades** ["*Reflexos do Futuro*"], Livros do Brasil (1989). Lacking translation title in Version 14. Trans: Eduardo Saló.

+ Sullivan, Tim: *Dinosaur on a Bicycle* ["*Dinossauro de Bicicleta*"], in **Dinosaurs!** ["*Dinossauros!*"], org. Jack Dann & Gardner Dozois, Zenith (1993). Trans: Fábio Fernandes.

+ Turtledove, Harry: **The Agent of Byzantium** ["*O Agente de Bizâncio*"], Livros do Brasil (1990). Trans: ?

+ Veiga, José J.: "**A Casca da Serpente**", Bestseller (1989).

W: Antônio Conselheiro, the charismatic revolutionary leader of the Canudos Revolt against the Brazilian republican government would not die when the Canudos village was destroyed by the Army, in 1898.

S: Conselheiro and a bunch of followers create a utopian village in north Brazilian badlands. The libertarian ideals of the new country inspire other nations in America and Europe.

Congratulations

to

**L. RON
HUBBARD'S
WRITERS
OF THE
FUTURE[®]
CONTEST**



"One of science fiction's all-time giants opening the way for a new generation of exciting talent! For these brilliant stories, and the careers that will grow from them, we all stand indebted to L. Ron Hubbard." - **Robert Silverberg**
Award-winning Author

"L. Ron Hubbard has to be the single most effective influence on new writers." - **Algis Budrys**
Coordinating Judge 1984-1991

"When looking over past volumes of Writers of The Future, it becomes apparent how great an impact L. Ron Hubbard and this Contest has had on the entire field of science fiction."
- **Kevin J. Anderson**
New York Times Bestselling Author

"A very generous legacy from L. Ron Hubbard - a fine, fine fiction writer - for the writers of the future." - **Anne McCaffrey**
Award-winning Author

"The Contest has opened the way for scores of writers and has set them out on the fine careers they deserve." - **Jack Williamson**
Grand Master of Science Fiction Award Recipient

Celebrating a decade of helping new writers

From the Friends of the Writers of The Future. For more information on L. Ron Hubbard or the Contest, write to: The L. Ron Hubbard Writers of The Future Contest, P.O. Box 1630, Los Angeles, CA 90078

